



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Ivan Daniel Gomes de Brito

LABORATÓRIO DA PREGUIÇA
(RE)INTERPRETAÇÃO DA RUÍNA

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura
orientada pelo Professor Doutor Nuno Miguel de Pinho Lopes
e coorientada pelo Professor Doutor Walter Rossa Ferreira da Silva
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e
Tecnologia da Universidade de Coimbra

Dezembro de 2019



Ivan Daniel Gomes de Brito

Laboratório da Preguiça: (Re)interpretação da ruína

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em
Arquitetura orientada pelo Professor Doutor Nuno
Lopes e coorientada pelo Professor Doutor Walter
Rossa e apresentada ao Departamento de Arquitetura
da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade
de Coimbra

Dezembro 2019

Dissertação do Mestrado Integrado em Arquitetura
Dezembro de 2019

Ivan Daniel Gomes de Brito

Orientador: Professor Doutor Nuno Lopes

Coorientador: Professor Doutor Walter Rossa

Seminário de investigação: Laboratório(s) da Preguiça

Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Esta dissertação segue o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e as normas
APA 6ª edição para referência bibliográfica.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer em aos meus pais, Manuela e Óscar por todo o apoio.

Ao meu irmão, Nuno por tudo.

À Lara, por todo o carinho.

Aos meus avós Amélia e Fernando, pelo suporte e confiança.

À Sofia e Paulo, pela presença constante.

A toda a minha família, que apesar de não participarem diretamente na realização deste trabalho estiveram sempre ao meu lado

Aos meus amigos Carolina, Daniela, Erica, Gonçalo, Laura e Teresa, por todos os momentos de diversão.

À Paula, João, Letícia e Ana, por serem os melhores colegas de casa que alguém pode ter.

Aos colegas de trabalho do Laboratório(s) da Preguiça, Afonso, Ana, António, Daniela, José e Philippa, porque, para além de um grupo de trabalho foram também um grupo de apoio.

Aos professores doutores Nuno Lopes e Walter Rossa, pela orientação concedida ao longo de toda esta etapa.

Ao professor doutor Adelino Gonçalves, pelo constante acompanhamento do trabalho.

Ao Leão Lopes e ao Valdemar Lopes, pela curiosidade e acompanhamento dos trabalhos.

Ao MEI_A e Atelier Mar, pela oportunidade e calorosa receção.

A todos os aqueles que contribuíram para a minha formação pessoal e são importantes na minha vida, o meu sincero obrigado.

Resumo

A Vila da Preguiça, foi em tempos uma importante estação portuária para São Nicolau, mas ao longo dos tempos a progressiva degradação da Baixa, aqui designada como *Centro de Identidade*, levou a vários problemas de ordem social. O património construído encontra-se, na sua grande parte, num estado elevado de deterioração e sem infraestruturas que correspondam às necessidades básicas para uma boa qualidade de vida para quem lá habita. Todos estes fatores trouxeram vários problemas de natureza social e económica.

De forma a dar resposta aos problemas identificados na vila, foi destacada uma equipa composta por entidades portuguesas e cabo-verdianas, designada por Laboratório(s) da Preguiça, que com a aplicação do Plano de Desenvolvimento Integrado e Salvaguarda da Vila da Preguiça pretende garantir uma melhor qualidade de vida para a comunidade, a preservação e valorização do património e o reforço da economia local.

A antiga alfândega da Vila da Preguiça, localiza-se num importante ponto geográfico, marcando-se como o edifício mais emblemático, mas hoje encontra-se em estado de ruína. Com a refuncionalização do edifício e transformação em *Laboratório da Preguiça*, procura-se a criação de um equipamento que sirva a população da vila e contribua para o desenvolvimento sustentável, sendo um dos primeiros momentos no *Plano de Desenvolvimento Integrado e Salvaguarda da Vila da Preguiça* que terá o seu Gabinete Técnico no *Laboratório da Preguiça*. Através da participação comunitária e de organismos externos, proponho o desenvolvimento de um programa que valorize o património e as necessidades da sua preservação de forma a conduzir a revitalização urbana. Por conseguinte, parte-se da interpretação, como instrumento essencial para esta valorização com a criação de um Centro Interpretativo que também faça o acolhimento a quem visita a vila sob a perspetiva da fomentação de um turismo solidário.

Palavras Chave: Cabo Verde. Vila da Preguiça. Alfândega. Ruína. Interpretação.

Abstract

The Vila da Preguiça, was once an important, portuary station to São Nicolau island, but through the time, abandonment of the port lead to a progressive degradation of the downtown, here designated as *Identity Center*. The built heritage is found, most of it, in an advanced deterioration state and without infrastructures that can correspond to the basic needs to a quality life for those o inhabits it. All these factors brought several problems of social and economic nature.

In order to give answer to the identified problems in the village, was highlighted a team composed with Portuguese and Cape Verdean entities, designated as Laboratório(s) da Preguiça, that with the application of the Plano de Desenvolvimento Integrado e Salvaguarda, that pretends to assure a better life quality for the community, the preservations and valorisation of the patrimony and reinforce the local economics.

The old customhouse of Vila da Preguiça, it's located on an important geographical point, marking itself as the most emblematic building, but today lies in an ruin state. With the re-funcionalization of the building and transformation in *Preguiça's Laboratory*, i seek the creation of an equipment that serves the population of the village and contributes to the sustainable devlopment, being one of the first moments in the Plano de Desenvolvimento Integrado e Salvaguarda da Vila da Preguiça that will have his Technical Office in the *Preguiça's Laboratory*. Through the communitary participation and external organisms, I propose the development of a program that value the patrimony and the needs to it's preservation to conduct the urban revitalization. Therefore, departing from the interpretation as an essential instrument to this valorisation with the creation of an Interpretative Center that also hosts whomever visits the village under the perspective of funding an solidary tourism.

Keywords: Cape Verde. Vila da Preguiça. Customhouse. Ruin. Interpretation.

Sumário

Acrónimos e Siglas	15
1. Introdução	17
1.1. Laboratório(s) da Preguiça	19
1.2. Enquadramentos histórico e geográfico	27
1.3. Objeto, pertinência e objetivo	31
1.4. Método e procedimentos	33
2. Modos de intervir	39
2.1. Direito à ruína	49
2.2. Casos de estudo	55
2.3. Planeamento interpretativo	65
3. Projeto	75
3.1. Memória	77
3.2. Programa	83
Considerações finais	93
Bibliografia	97
Anexos	107
Desenhos	121

Acrónimos e Siglas

CIP - Centro Interpretativo da Preguiça

CMRB - Câmara Municipal da Ribeira Brava

DARQ - Departamento de Arquitetura

FCTUC - Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra

M_EIA - Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura do Mindelo

MIA- Mestrado Integrado em Arquitetura

ONG - Organização Não Governamental

Patrimónios - Cátedra UNESCO em Diálogo Intercultural em Patrimónios de Influência Portuguesa

PDIS - Programa de Desenvolvimento Integrado e Salvaguarda

PDCL - Programa de Desenvolvimento Comunitário de Lagedos

SUCLA - Sociedade Ultramarina de Conservas Lda.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

ICOMOS - Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios

ICCROM - Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauro de Bens Culturais

1- Introdução

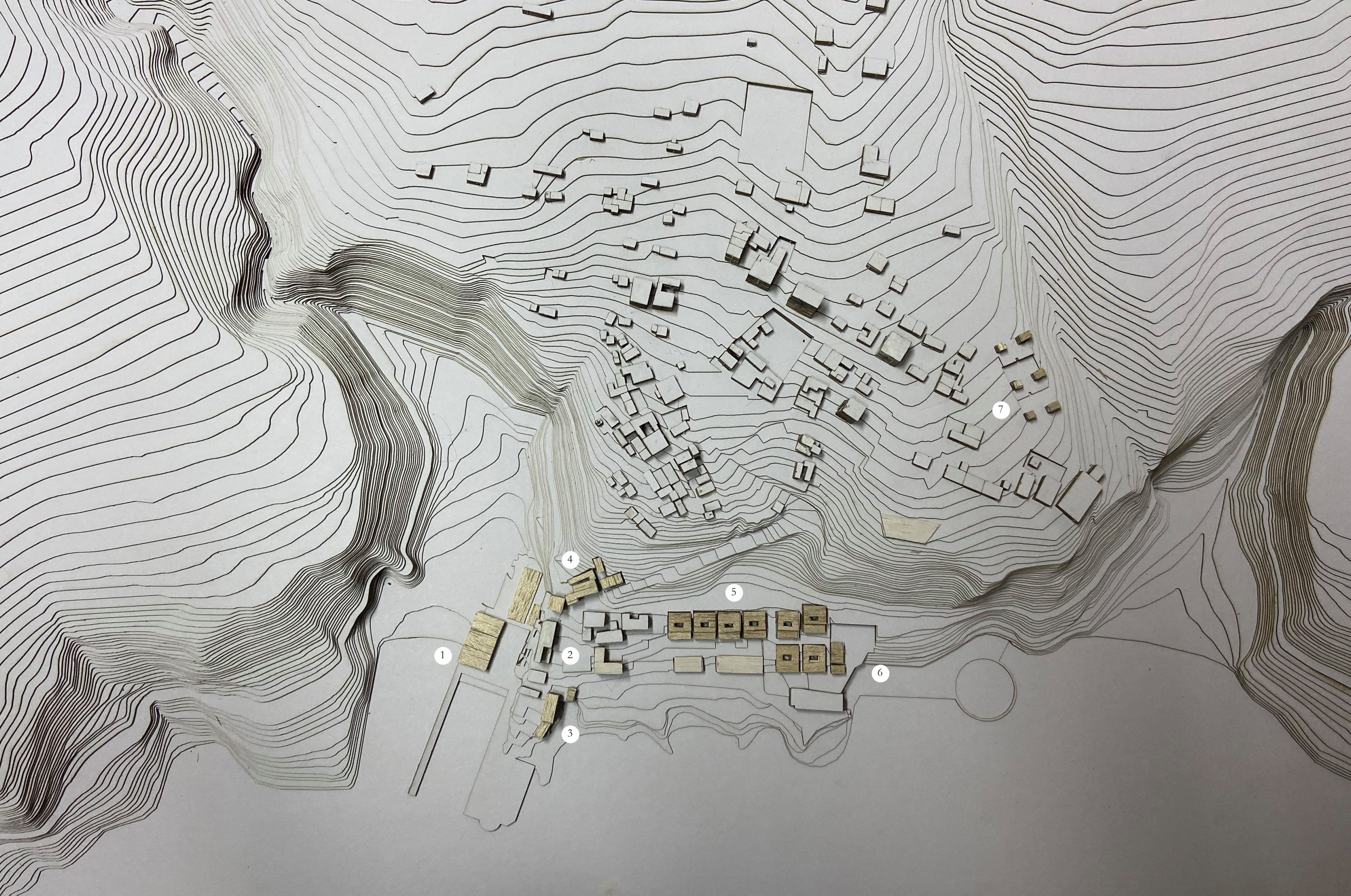
1.1. Laboratório(s) da Preguiça

A ação, globalmente designada *Laboratório(s) da Preguiça*, é a resposta protocolada entre o M_ EIA – Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura, o Atelier Mar ONG, a Cátedra UNESCO em Diálogo Intercultural em Patrimónios de Influência Portuguesa [Patrimónios], e o Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra [DARQ], à solicitação específica do Ministério das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação de Cabo Verde e do Município da Ribeira Brava.

O motivo do estabelecimento deste protocolo foi, primeiramente, a valorização do património urbanístico, da cultura e da identidade da Vila da Preguiça. Através de vários projetos, a ideia é promover novas atividades económicas e capacitar quem lá vive de forma a garantir melhores condições de vida, habitabilidade e trabalho. Com a coordenação do Leão Lopes, Walter Rossa, Adelino Gonçalves e Nuno Lopes, e autoria de oito alunos finalistas do Mestrado Integrado em Arquitetura [MIA] do DARQ (integrando as suas dissertações) foi elaborado o *Plano de Desenvolvimento Integrado e Salvaguarda da Vila da Preguiça* [PDIS], contando com um antepiano detalhado e sete anteprojetos estruturantes:

O Antepiano Detalhado, desenvolvido pela Daniela Fróis, é essencial para a articulação entre as várias propostas e, assim, garantir a resposta às principais necessidades já identificadas, bem como novas perspetivas que venham a surgir na Vila da Preguiça. Segue três eixos estruturantes: um eixo social, que pretende atender às necessidades básicas da população com a finalidade de promover a equidade social, sendo desejável uma implementação participativa e eficiente ao nível da gestão dos recursos disponíveis; um eixo económico, que procura incentivar o investimento e provocar um maior dinamismo e variação das atividades económicas da vila; um eixo turístico, no qual estão previstos programas que valorizem a cultura local, garantindo a acessibilidade, retorno financeiro à população e a qualidade de vida de todos, sobretudo para os residentes da Preguiça.

Um dos sete anteprojetos, da minha autoria, denominado como *Laboratório da Preguiça* trata-se de um equipamento que alerta para a necessidade de valorização do património tomando como por base a refuncionalização da antiga alfândega. Devido à importância deste edifício procedeu-se a uma aproximação singular sob o ponto de vista construtivo que foca a manutenção da ruína e *parasitação* da mesma com o novo programa. Procura ser o motor de desenvolvimento sustentável da vila, uma vez que da sua génese programática advém o Centro Interpretativo da Preguiça [CIP] responsável pela valorização do património e o gabinete técnico responsável por colocar o PDIS em prática.



Com uma área de intervenção que se estende entre o chafariz e a marginal da Preguiça, a melhoria do espaço público elaborado pela Ana Paz visa, primariamente, a melhoria da qualidade do ambiente da área e, consecutivamente, uma melhor qualidade de vida da população, destacando três momentos importantes de intervenção, sendo estes a marginal, a praça e os caminhos informais.

A reabilitação de um conjunto de edifícios destinando-os a habitação, pela Laura Gaspar, permite condições asseguradas de habitabilidade, tanto para as duas famílias que atualmente lá residem, como para mais outras duas que foram identificadas pela Câmara Municipal da Ribeira Brava CMRB. Através da correlação com alojamento local gerido pelas próprias famílias nas próprias habitações pretende-se a fomentação do empreendedorismo promovendo e garantindo a entrada extra de capital para os seios familiares. A associação do comércio ao programa habitacional em algumas casas pretende contribuir para o estímulo da criação de pequenos negócios e economia local gerando empregos.

Localizado entre a os antigos edifícios alfandegários e o maciço rochoso na baixa da Preguiça, a habitação unifamiliar construída de raiz, proposta pela Philippa Remhof, adapta-se às necessidades das famílias. As habitações são pensadas de forma a que a sua construção seja faseada e conforme as necessidades familiares de quem as habita sob a premissa da construção evolutiva. Tem como capacidade máxima o alojamento de cerca de dez elementos, os seios familiares com menos membros têm a possibilidade da concomitância com o sistema de alojamento local mencionado anteriormente. O próprio desenho das habitações procurou adequar-se o máximo ao contexto que se insere com a promoção de uma arquitetura sustentável, recorrendo a sistemas passivos e privilegiando o conforto.

O projeto do porto de pesca pelo Afonso Guimarães, dá resposta a uma necessidade latente de melhoria das estruturas e infraestruturas na Vila da Preguiça que, neste caso, corresponde à fraca capacidade atual do porto de dar resposta à necessidade que a vila tem para com a pesca e respetiva indústria. O projeto pretende dar melhores condições à pesca artesanal, hoje principal forma de pesca na Preguiça, e seus pescadores, através de facilidades proporcionadas para o arrastamento dos botes bem como a sua manutenção. A interligação com a pesca desportiva poderá ser uma forma de impulsionar e dinamizar economicamente o porto e suas atividades. Devido ao grau de complexidade da obra e da necessidade de o porto estar em funcionamento durante a fase de execução e devido à dependência das famílias para com a pesca, o projeto foi dividido em duas fases. Na primeira fase de construção, será requalificado o acesso pedonal, instalado um guincho para o transporte de cargas e construídos armazéns.

Na segunda fase, prevê-se a construção de dois pontões que traçam a entrada do porto.

Com o propósito de reforçar a economia, o projeto do António Lopes, procura servir como apoio à atividade pesqueira na Preguiça. Trata-se de uma Unidade de Processamento de Peixe e é o único projeto que não se situa na baixa devido às condicionantes que este tipo de programa impõe. Desta forma, fica próximo a um canal de escoamento das águas de enxurrada que ajuda a ventilação e a diminuição dos odores provocados pelo processamento de pescado, e próximo da dessalinizadora que tem a possibilidade de fornecer o sal para a salga do peixe. De forma a integrar melhor o complexo com a vila, criou-se uma estrada de acesso para facilitar o transporte de mercadoria.

A Vila da Preguiça, que conta com cerca de quinhentos habitantes, divide-se entre uma zona alta e uma zona baixa. A maior parte da população reside na zona alta, dispersa-se pelo território e a arquitetura é predominantemente autoconstrução. Na zona baixa, reside cerca de 10% da população, a área de construção é reduzida, sendo que, a efetuada por quem lá habita foi essencialmente anexos nas zonas traseiras dos antigos armazéns que ocupam e habitam. A baixa, daqui em diante denominada *Centro de Identidade*, conserva uma relação com a história da Preguiça e, assim, com a sua própria identidade e de quem lá habita. Foi aqui que a equipa incidiu os seus principais esforços.

Os trabalhos foram iniciados em outubro de 2018, tendo sido realizada uma missão de investigação no terreno entre os dias 7 e 15 de dezembro desse mesmo ano. A interação com o sítio, com a comunidade e com as entidades locais, foi essencial para poder completar dados básicos como: quais as condições que a população vive, quais as principais formas de rendimento destas e de que formas o espaço urbano é utilizado, e encontradas respostas para questões, como saúde pública, gestão de infraestruturas, utilização do espaço público e preservação do património que são relativas à gestão do território da Preguiça, designadamente planos de ação e financiamento programados ou em curso. Foram ainda validadas opções estratégicas e metodológicas, adotadas nas fases de trabalho subsequentes.

A 25 de abril de 2019 tivemos um encontro na Universidade de Coimbra com Leão Lopes, fundador do Atelier Mar e do M_EIA, e com o Valdemar Lopes, discutiu-se as opções tomadas aquando o desenvolvimento dos trabalhos, bem como possíveis alterações de forma a adequar melhor os projetos com a cultura e contexto e consequentemente com a identidade da Vila da Preguiça. No meu projeto especificamente, foi importante para a aprovação do conceito de aproximação à preexistência com o intuito de manter a ruína; para além disso, indicou-se o posicionamento de uma cisterna de recolha água de forma a potenciar a

sustentabilidade. Esta observação por parte de Leão Lopes surge como indicação apenas nos desenhos uma vez que o edifício está assente num maciço rochoso e os recursos necessários para a construção da cisterna provavelmente serão muito elevados.

No final de maio de 2019, ficaram concluídos o antepiano e os sete anteprojetos, não tendo sido excluída a possibilidade de, em fases posteriores, se virem a desenvolver novos (ante) projetos, três já sinalizados: requalificação do Forte da Preguiça; programa sociocultural/habitacional em edifícios devolutos da marginal; e uma unidade, dividida em dois pequenos polos, que contempla hotel e restaurante. Para além dos principais participantes, já sinalizados, foram ainda auscultados consultores de especialidade, prevendo-se que alguns destes anteprojetos recebam importantes desenvolvimentos numa segunda fase. Com efeito, impõe-se agora, como é finalidade de qualquer anteprojecto, uma avaliação crítica das propostas e a sua validação para que, em curto espaço de tempo, possam ser desenvolvidas ao nível de projeto de execução, permitindo levar a cabo a sua concretização.



Ortomapa da ilha de S. Nicolau



Ortomapa da Vila da Preguiça



Planta do Centro de Identidade

Escala 1/1000



1.2. Enquadramento histórico e geográfico

A Vila da Preguiça situa-se na zona sul da Ilha de S. Nicolau, Cabo Verde, onde as correntes são mais fracas e permitem a atracagem de embarcações. O facto de se localizar numa enseada, e com uma marginal relativamente curta, faz com que a área útil de construção na zona baixa seja reduzida, enquanto na zona alta se vai alastrando pelo território. O tipo de sedimento encontrado na Preguiça é maioritariamente basalto. É uma área árida, marcada pelas fortes rajadas de vento vindas da faixa do Sahel (Goth, 2014: 35).

O poço mandado edificar pelo bispo Frei Cristovão de São Boaventura¹ no final do século XVIII ajudava os navegantes a abastecerem os seus navios, transformando o porto num sítio idílico e muito famoso pelos navegadores (Pires, 2017: 108). A sua existência transformou a Vila da Preguiça num sítio de paragem constante, o que acabou por influenciar o estabelecimento da população na região, que era maioritariamente composta por comerciantes e pescadores.

A proximidade com a Ribeira Brava garantia à Preguiça uma grande capacidade de escoamento do produto pescado bem como a possibilidade de comércio de outros produtos trazidos pelas embarcações que aportavam na vila.

Com o aumento da dimensão dos calados e número de navios e a incapacidade de resposta do porto, aliado à má gestão por parte das entidades reguladoras, a vila perdeu gradualmente a sua relevância comercial, levando a zona portuária a entrar em obras durante um grande período de tempo (Pires, 2017: 108-109). Em mau estado e sem a afluência de embarcações, a economia da vila entrou em decadência, resultando no seu estado atual: um conjunto de edifícios que foram símbolos de uma época próspera, abandonados e sem condições de habitabilidade, uma vez que não foram construídos com esse propósito.

O Centro de Identidade organiza-se sobre dois eixos estruturantes: a Rua do Comércio e a Rua do Fisco. É de notar o valor simbólico da toponímia, com o edifício da antiga alfândega a marcar o encontro entre esses dois eixos. O tipo de edificado que constitui a marginal do Centro de Identidade difere do restante da ilha, isto porque, sendo a população de S. Nicolau maioritariamente ligada à pecuária e à agricultura, dispõe geralmente de um pequeno quintal ao qual se juntam anexos para a criação e abrigo de animais. No caso da Preguiça, as casas organizam-se a paredes meias e veem substituído o quintal por um pequeno pátio, resultado de uma população historicamente comerciante (Pires, 2017: 110).

¹ Segundo a lenda popular, o bispo Frei Cristovão de S. Boaventura foi o responsável pelo nome da Vila da Preguiça, uma vez que apelidava de preguiçosos os construtores do poço (Filho, 1996: 246).



Exemplo de um edifício da alta da Preguiça - Philippa Remhof



Vista da Rua do Fisco no Centro de Identidade - Ana Paz



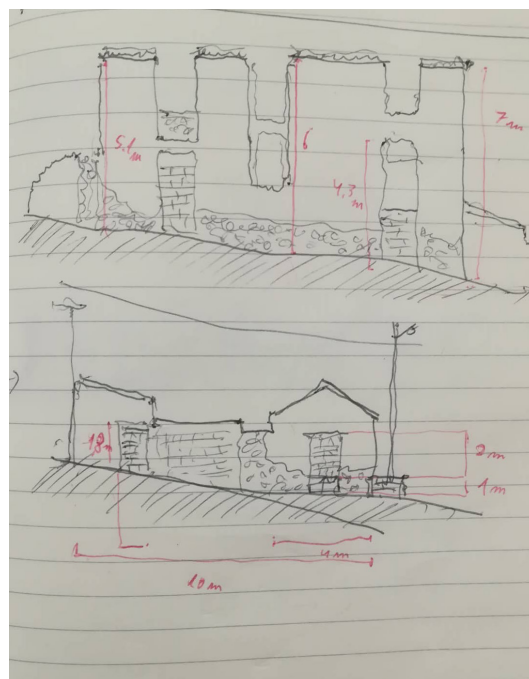
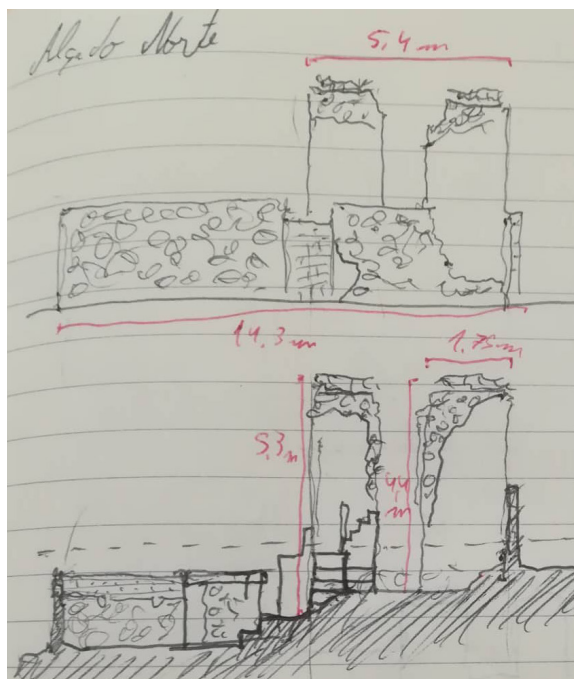
Paisagem urbana do Centro de Identidade

Há ainda uma considerável variação entre os edifícios da alta e os da baixa da Preguiça. Na alta, organizam-se sob as premissas de habitação evolutiva. Através de uma construção maioritariamente composta por blocos de cimento, sem revestimento e cobertura plana, a construção é feita de acordo com as necessidades de quem lá habita, crescendo usualmente em altura, sendo que, algumas têm já o arranque dos alicerces para um possível piso superior. A construção do Centro de Identidade apresenta características vernaculares, influenciadas pela construção colonial. As edificações com recurso ao emparelhamento de pedras, maioritariamente rebocadas ou pintadas, têm uma cobertura geralmente composta por quatro águas, telha marselha ou lusa, e vãos com portadas venezianas que proporcionam o sombreamento e ventilação do interior.

A decadência do porto levou à degradação generalizada do Centro de Identidade, visto que era a mais significativa forma de entrada de capital na Vila da Preguiça, sendo ainda hoje o principal meio de subsistência da sua população, através da pesca. Como consequência, a população deixou de ter capacidade financeira para manter o património edificado, levando ao seu abandono. O facto de o Porto do Tarrafal ser tecnologicamente mais avançado e possuir uma maior capacidade de atracamento das embarcações levou a que este se desenvolvesse, tornando-se o principal porto da Ilha.

Nisto, grande parte do edificado encontra-se hoje em mau estado de conservação e, apesar de habitada, não garante qualidade de vida, demonstrando anomalias graves como infiltrações nas coberturas provenientes dos períodos de chuva, ou a falta de acesso a necessidades básicas como água corrente, rede de saneamento ou eletricidade.

A Preguiça possui cerca de quinhentos habitantes, sendo que apenas cerca de cinquenta habitam a baixa. Destes, a maioria dos homens dedica-se à pesca, enquanto as mulheres são responsáveis pela venda do pescado na Preguiça, na Ribeira Brava e no Tarrafal.



Levantamento do edifício da antiga alfândega - Afonso Guimarães



Estado atual do edifício da antiga alfândega

1.3. Objeto, Pertinência e Objetivos

A antiga alfândega é detentora de uma posição estratégica de enquadramento paisagístico e, simultaneamente, símbolo de um período áureo de desenvolvimento e prosperidade deste território, permanecendo como o edifício mais emblemático da vila. A tangência às ruas do Fisco e do Comércio, juntamente com a definição da sua praça contígua, faz dele, ainda hoje, um ponto urbano notável. A degradação sofrida desde o seu abandono faz com que a ruína neste momento preencha o limbo entre o edifício e os escombros, carregando em si o peso do período de decadência da vila.

A reabilitação do edifício da antiga alfândega marca o primeiro momento do Plano de Desenvolvimento Integrado e Salvaguarda da Vila da Preguiça, servindo como exemplo de preservação do património e valorização da identidade e história da vila, passando a dar lugar ao designado Laboratório da Preguiça, importante motor para o desenvolvimento sustentável da Preguiça. Procura dar resposta a algumas das necessidades identificadas na vila: dar apoio aos visitantes; valorizar e divulgar a cultura e a identidade local; e ser um órgão gestor do território. A escolha do edifício foi discutida em conjunto com todos os membros do *Laboratório(s) da Preguiça*. Já havia a ideia da necessidade de um edifício que correspondesse à representatividade do PDIS e, a escolha do edifício da antiga alfândega surgiu, naturalmente, devido à sua posição urbana que lhe proporciona um carácter único. A imagem do edifício em ruínas, sem programa naquele local, acaba por trazer efeitos negativos para a população, afinal de contas, o edifício é um ponto notável, tanto para quem vem de terra ou de mar e por conseguinte é a representação da vila. A refuncionalização, tornou-se assim necessária para a integração do edifício sob a perspetiva de valorização do património e identidade da Vila da Preguiça.

Tendo como objetivo geral a valorização da cultura, da identidade e do(s) património(s) da Vila da Preguiça, procura-se dar resposta aos três eixos estruturantes já mencionados— social económico e turístico — através de desígnios holísticos específicos, fortalecendo-se mutuamente. Como objetivos específicos, considero de acrescida importância a capacitação da população de forma a melhorar a economia local e a criação de postos de trabalho e formação para os habitantes de vila. O próprio Laboratório da Preguiça, prevê a criação de sete postos de trabalho, os quais tratarei mais adiante. Ao mesmo tempo cria-se um sentimento de partilha e responsabilidade social para com o património, aumentando a autoestima da população e diminuindo a segregação social valorizando os fatores de atratividade da Preguiça, como a relação com o mar, evidenciando-os e fortalecendo-os.



Receção em S. Nicolau - António Lopes



Reunião na casa da arquiteta Leontina - António Lopes



Reunião com os pescadores da vila - Philippa Remhof



Conversa com os moradores - José Mesquita



Conhecimento das condições de habitabilidade da população - José Mesquita

1.4. Método e procedimentos

No período entre outubro e novembro de 2018, a pesquisa foi maioritariamente bibliográfica de forma a se obter uma visão inicial do contexto que seria então reconhecido, *in situ*, com a missão de investigação em dezembro de 2018. A viagem contribuiu, desde logo, para a compreensão de uma realidade não europeia, com todas as suas particularidades. O apuramento do conteúdo programático do Laboratório da Preguiça e o conhecimento de materiais e técnicas construtivas locais, as relações paisagísticas, e a comparação entre ilhas foram também essenciais.

Visitamos a Cidade da Praia (Santiago), S. Nicolau (com destaque para a Preguiça, Ribeira Brava, Tarrafal e Monte Gordo), S. Vicente (merecendo referência o Atelier Mar e o M_EIA, em Mindelo), e Santo Antão, onde conhecemos obras relevantes, sobretudo em Lajedos e Ribeira-Torre.

Na cidade da Praia, analisamos com particular atenção os efeitos do turismo de massas e/ou mal planeado em Cabo Verde.

A chegada a S. Nicolau e o trabalho de campo na Preguiça ajudou na compreensão dos problemas existentes. O convívio com a comunidade e a troca de experiências revelou-se fundamental no apuramento de factos que contribuíram para a definição do projeto. Foi importante identificar os principais pontos de reunião social — como junto às padieiras, em que usualmente são contruídos bancos, os cafés e estabelecimentos locais, a praça junto à antiga alfândega, o chafariz ou a praça informal na alta da Preguiça —, pois correspondem a uma necessidade e característica particularmente evidente no povo cabo-verdiano: a vivência do espaço público.

O levantamento do edificado e o registo das suas anomalias ajudou não só na perceção do estado físico da vila na atualidade, como também das condições de quem lá habita. Comparando com a alta da Preguiça, as condições básicas do Centro de Identidade são precárias, sem recurso a água canalizada, saneamento básico ou eletricidade, com os edifícios sem divisões partilhados por várias famílias, algumas delas numerosas, o que limita a sua privacidade. Entramos em contacto com os pescadores, percebemos o processo de recolha de peixe, transporte e venda. Tratando-se da forma de sustento da maioria da população da Preguiça, o entendimento das suas necessidades é essencial para a compreensão dos problemas, assim como da identidade da própria vila. Ficamos alojados na Ribeira Brava, a capital de S. Nicolau, mas a nossa sede de trabalho foi na casa da Arquiteta Leontina



Visita ao M_EIA - António Lopes



Visita ao Atelier Mar - António Lopes



Visita a Lajedos - António Lopes



Visita aos Caminhos de Blimundo - Philippa Remhof

Barreto, situada na extremidade Este da marginal da Preguiça. Lá realizámos sessões diárias de trabalho e discussão sobre os métodos e a pertinência das nossas propostas, bem como reuniões com entidades administrativas locais de forma a percebermos não só a sintonia com o que estava a ser proposto, como a existência de potenciais investimentos. Ainda em S. Nicolau, visitamos Monte Gordo, onde reside grande parte da biodiversidade da Ilha, com espécies endógenas e em vias de extinção que nos ajudaram a validar opções projetuais e de planeamento para o Centro de Identidade. Por último, visitamos o Tarrafal e a fábrica da SUCLA, para analisarmos os impactos sociais e económicos que uma indústria de Pesca deste género tem para a região.

Em S. Vicente visitamos o M_EIA. Considero este um momento particularmente importante pois, a partir de apresentações dos estudantes que lá estão a trabalhar nas suas dissertações, identificamos alguns problemas gerais de Cabo Verde, as dificuldades para os ultrapassar, possíveis soluções e métodos. Aproveitamos também para apresentar o nosso primeiro conjunto de intenções para o Centro de Identidade da Preguiça.

O conhecimento do trabalho que tem sido desenvolvido pelo Atelier Mar foi importante para o apuramento das realidades locais — sociais, económicas e operacionais —, das técnicas construtivas e materiais endógenos que poderão ser usados de forma a garantir a sua durabilidade e sustentabilidade.

Por fim, a visita a Santo Antão e a várias intervenções do Atelier Mar realizadas com o objetivo de valorização cultural e empoderamento das comunidades. O primeiro foi o caso de *Lajedos* que, com recurso ao comércio, tem distinguido a identidade local, a capacitação da comunidade e o crescimento sustentável do turismo, a partir de materiais endógenos e de produção local. Seguiu-se o conjunto *Caminhos de Blimundo*, em Ribeira-Torre, projeto de reabilitação de um conjunto de edifícios em conjunto com a construção de uma narrativa que tem como principal objetivo a salvaguarda e interpretação patrimonial, assunto que irei desenvolver mais adiante.

Naturalmente, todas as ilhas têm a sua própria identidade e cada comunidade tem a sua própria cultura. O tempo que lá estivemos nunca poderia ser suficiente para absorver tudo acerca de Cabo Verde. Foi, ainda assim, essencial para uma visão global que me permite a contextualização do meu próprio projeto na Vila da Preguiça.

O período que sucedeu à viagem foi então marcado pelo desenvolvimento do anteprojeto do *Laboratório da Preguiça*. Algumas das decisões consideradas relativamente ao conceito

foram tomadas logo após a viagem e mostraram-se constantes ao longo de todo o processo. Através de reuniões semanais, foram realizados ponto-situação dos vários projetos, suas intenções e articulações. No final de abril de 2019 contamos com a presença dos Professores Leão Lopes e do Valdemar Lopes, do Atelier Mar e do M_EIA, onde discutimos as opções por nós tomadas, seguindo-se a revisão dos projetos. Por conhecerem bem as realidades de Cabo Verde e da Preguiça e, no fundo, serem o nosso principal *cliente*, incentivaram-nos e contribuíram intensivamente para as decisões tomadas que levaram à entrega do Anteprojecto em junho de 2019. Por fim, demos início à última fase de trabalho, validando todas as opções projetuais, conceitos e outros conteúdos teóricos, consolidando e formalizando o conjunto de dados que constituem o documento que corresponde à dissertação.

2- Modos de intervir

2. Modos de intervir

O conceito de património tem vindo a ser estudado ao longo do tempo de forma abrangente. A sua etimologia remete ao conceito de herança, a sua premissa estabelece relação direta com a identidade e com os bens herdados pela comunidade. Como refere Mc. Dowell, “[o património] constitui uma agregação de mitos, valores e legados determinados pelas necessidades da sociedade no presente e definidos por esta” (Mc. Dowell, 2008: 37). A relação desta com o coletivo e com o público é necessária para a sua preservação e valorização, garantindo assim um futuro para o património.

Segundo Walter Rossa (2015: 105), o património não é apenas a história ou o que resta do passado, faz parte do presente, e, consecutivamente, se preservado, do futuro. A preservação do património é simultaneamente a valorização da cultura e da identidade. Protegendo-se a cultura e identidade projeta-se o futuro. Concomitantemente, ao longo do tempo, a necessidade de preservação do património tem tido uma presença maior nas emendas políticas, tendo vindo a se denotar cada vez mais a sua importância.

As diferentes relações com o património foram surgindo a partir de diferentes formas de atuação para com este ao longo dos tempos. Ressalto alguns dos períodos em que essas relações foram mais intensas e portadoras de mudanças sociais, tanto a nível da aplicação prática de formas de intervenção como na produção teórica acerca do tema da preservação patrimonial.

Os romanos colecionavam fragmentos de civilizações do passado, por vezes adulterando as mesmas e apropriando-se de alguns dos valores culturais e identitários, o que acabava por influenciar a cultura e as normativas sociais, reforçando o carácter de portador cultural inerente ao património. Durante o Renascimento, isto tornou-se mais evidente quando as ruínas romanas, que estavam espalhadas por toda a Europa, foram reinterpretadas a partir de ideais que procuravam as adequar ao presente, sendo que as suas proporções e características foram adaptadas ao estilo vigente. O confronto constante com as ruínas induzia nostalgia e, simultaneamente, melancolia de um tempo glorioso, resultando no resgate das suas características formais na arquitetura e na pintura.

A partir do *quattrocento*, a necessidade de preservação do património surge de mão dada com a grande destruição provocada pela Revolução Francesa. Vão surgido ideais, por vezes opostos, sobre a necessidade de preservação do património e de que forma esta deve ser processada. No período inicial do *quattrocento*, a discussão sobre a preservação do património surge

fortemente interligada com a noção de monumento histórico, focando-se na preservação de edifícios singulares.

Com a análise dos modos de intervir, pretendo perceber de que forma uma intervenção num edifício como a antiga alfândega da Preguiça e, conseqüentemente, a valorização e salvaguarda patrimonial, podem potenciar o desenvolvimento sustentável, atuando como o motor de desenvolvimento e consciencialização social para a preservação. Para isso, recorri a autores desde o *quattrocentto* até à contemporaneidade, procurando cruzar os seus conceitos com as necessidades do Centro de Identidade de forma que os ideais em relação à preservação do passado contribuam para a melhoria do futuro dos cidadãos.

As teorias antagonizantes de Eugène Viollet-Le-Duc e John Ruskin marcam o início desta discussão e, concomitantemente, elevam a preocupação acerca da preservação patrimonial. Havia uma clara permanência da questão sobre a pertinência do restauro dos monumentos. Por um lado, Viollet-Le-Duc defendia que os edifícios devem ser restaurados para que sejam preservados, “Restaurar um edifício é restabelecê-lo num estado completo que pode nunca ter existido num dado momento” (Viollet-Le-Duc, 1866: 14) e, por outro lado, John Ruskin que defendia que o restauro acaba por diminuir o que é o património transformando-o numa mentira.

Não falemos, pois, de restauração. Trata-se de uma Mentira de começo ao fim. Tu podes fazer um modelo de um edifício como também de um cadáver, e o seu modelo pode conter o contorno das antigas paredes dentro dele, assim como o seu molde pode conter o esqueleto sem que eu possa ver ou apreciar qualquer vantagem nisso. Mas o antigo edifício estará destruído [...] Mas, diz-se pode ser necessária a restauração! Que seja. Encara tal necessidade com coragem, e compreende o seu verdadeiro significado. É uma necessidade de destruição (Ruskin, 1956: 244).

No meu entendimento, que vai de acordo com a perspetiva *ruskiniana*, a ruína e a decrepitude do edifício traz também um valor cultural que deve ser preservado, no entanto considero, contrariamente ao John Ruskin, legítima a intervenção no edificado, seja com que intensidade for, depende do contexto em que a obra se insere. A partir destas teorias, foram surgindo vários autores como Camilo Boitto, Alois Riegl, Gustavo Giovannoni, etc. e, com estes, surge a indicação que o restauro deve ser apenas usado quando não há outra possibilidade para preservar o património, mas admitindo a sua utilização como uma forma válida de preservação.

Com o surgimento de organizações culturais que têm feito esforços para suscitar interesse na preservação e valorização do património, sendo estas: a UNESCO, o ICCROM e o ICOMOS, a discussão vai tomando uma esfera mais ligada à revitalização urbana, englobando também núcleos urbanos e tendo como diretriz base a valorização identitária e cultural das comunidades. Foram organizações responsáveis pela redação de diversos documentos que tiveram uma importância acrescida para mim na identificação do método de intervenção para o desenvolvimento do Laboratório da Preguiça.

Quero deixar claro que as cartas patrimoniais não têm como função a explicitação de um conjunto de regras necessárias para a intervenção em património, mas sim um conjunto de diretrizes de carácter indicativo e prescritivo e é sobre essa premissa que sigo alguns desses parâmetros.

Um dos documentos essenciais para o processo de desenvolvimento do *Laboratório da Preguiça*, a *Carta Internacional sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e Sítios*, conhecida como *Carta de Veneza* redigida em 1964, vem consolidar alguns dos conceitos estabelecidos na *Carta de Atenas* de 1931, distinguindo-se desta pelo englobamento do contexto urbano na discussão sobre a preservação patrimonial. Tem como objetivo, “A conservação e restauro dos monumentos visam salvaguardar tanto a obra de arte como testemunho histórico” (ICOMOS, 1964: 2). Considero que, apesar da ruína da antiga alfândega não ter o reconhecimento como um monumento, há uma importância intrínseca ao edifício, tanto na memória coletiva da população como no tecido urbano do Centro de Identidade. Assim, a sua conservação e salvaguarda caracterizam-se como essenciais na criação de um testemunho histórico.

Na parte em que se dedica à conservação, a *Carta de Veneza* é clara na relação entre a refuncionalização para a preservação, no entanto refere que não se deve alterar nem a disposição nem a decoração dos edifícios, a sua conservação deve ser adequada à escala do edificado e, se existir um contexto tradicional, este deve ser mantido. O edifício deve ser mantido como um todo no seu contexto, não sendo tolerável a remoção e transladação de partes do edifício (ICOMOS, 1964 :2). No que diz respeito à conservação, o *Laboratório da Preguiça*, corresponde a todas as prescrições da *Carta de Veneza*, o carácter de intervenção, quase cirúrgica, procura potenciar o que havia sido deixado pela história no edifício da antiga alfândega, mas a *parasitação* do mesmo com elementos com uma nova estética, adapta-o a uma função útil permitindo a valorização do património.

A *Declaração de Québec*, redigida em 2008 no Canadá, explicita a importância de se manter o *espírito do lugar* que provem da relação intrínseca entre o património tangível e intangível. Esta

declaração tem uma relação direta com o *Laboratório da Preguiça* uma vez que a preservação da ruína e das marcas deixadas nas paredes do edifício preservam a história do edifício e a memória coletiva da comunidade para com ele. A colaboração entre comunidades locais e peritos, de forma a compreender o *espírito do lugar* e o preservar, é indicado na carta como essencial. Acredito que os projetos da Preguiça inseridos no programa *Laboratório(s) da Preguiça* e, concomitantemente, o *Laboratório da Preguiça* procuraram o entendimento do *espírito do lugar* de todo o Centro de Identidade de forma a orientar as suas propostas para garantir a preservação dos valores culturais.

A *Carta para a Interpretação e Apresentação de Sítios*, também conhecida como *Carta de Ename*, elaborada em 2008, define os significados de Interpretação, Apresentação, Infraestruturas Interpretativas, Interpretadores de Sítios e Sítios de Valor Patrimonial, especificando a importância da interpretação como forma de valorização e transmissão cultural. O reconhecimento das premissas base para a interpretação explícitas na carta revelam interesse na conceção do que será o Centro Interpretativo, parte integrante do *Laboratório da Preguiça*. O conhecimento da memória coletiva e das histórias que se deseja interpretar e valorizar ajudam a definir o *espírito do lugar* e a comunicar-lho para os visitantes e para a própria comunidade. A participação desta e de peritos na construção do planeamento interpretativo, como também é defendido na *Declaração de Québec*, é reconhecida como uma mais-valia para a preservação do património e transmissão de valores uma vez que ajudam na construção uma base interpretativa sustentável e multidisciplinar, dando resposta às várias necessidades que surgem no planeamento interpretativo, reforçando a necessidade de um planeamento e avaliação contínuos de forma a concretizar os objetivos estabelecidos para a interpretação.

Em suma, a discussão acerca das políticas do património teve um papel preponderante na definição do modo de intervir no edifício da antiga alfândega, adotando-se uma aproximação para com o edifício de forma a valorizar o que lá já se encontrava e, simultaneamente, criar uma base para a refuncionalização do edifício sem que as suas características base sejam perdidas.

2.1. Direito à Ruína

As ruínas apresentam uma dupla qualidade: por um lado, remetem para outros modos de vida; por outro, estimulam a construção imaginada do presente. No fundo, são repositórios de memória coletiva e afetiva que, apesar de evocarem a decrepitude do passado, permitem a conexão com o presente através da interpretação, construindo um passado assente na imaginação.

Consider what the ruin has meant, or might mean today: a reminder of the universal reality of collapse and rot; a warning from the past about the destiny of our own or any other civilisation; an ideal of beauty that is alluring exactly because of its flaws and failures; the symbol of a certain melancholic or maundering state of mind; an image of equilibrium between nature and culture; a memorial to the fallen of an ancient or recent war; the very picture of economic hubris or industrial decline; a desolate playground in whose cracked and weed-infested precincts we have space and time to imagine a future (Dillon; 2014: 5)

Nas cidades, as ruínas aparecem sob a forma de manifestação espacial, sendo, por vezes, artefactos decorativos que revivem o passado e lhes dão vida. Apresentam, assim, uma nova função que, com a exceção dos monumentos históricos, dista do propósito para o qual foi construída, ou da que adquiriu no seu período útil de vida. A função de lembrar e reviver o passado com os dados transmitidos no presente torna-se, por sua vez, agregadora de relações entre quem as vive com os vários tempos que estas carrega, através da capacidade de sedução e excitação dos que a visitam e veneram.

Like palimpsests, ruins bear traces of the different people, processes, and products which circulated through their environs at different times, for the diverse rates of decay mean that, arbitrarily, some spaces and objects are erased whilst others remain, recomposing a particularly dense and disorganised “temporal collage” (Lynch, 1974: 134)

A relação do que é herdado de outras gerações, culturas e identidades está muito presente nas ruínas, transportam em si a passagem do tempo evidenciado nas suas cicatrizes. Concomitantemente estão inseridas no que é o património. As ruínas perfilam-se assim, também, como os “restos mortais”¹ de sociedades passadas herdados no presente.

1 Citando Renata Araujo “Convém não esquecer que, na sua base etimológica, o conceito de património é, como todos sabemos, essencialmente o que nos fica do pai. E o que primeiro nos fica do pai são os seus restos mortais. Toda a operação patrimonial, nalguma instância incorpora este carácter fúnebre, nem que o faça precisamente para o sublimar.” (Araujo, *et al.*, 2015: 52).



Marcas do tempo no edifício da antiga alfândega

Como podemos potenciar e reforçar os valores que as ruínas nos deixam? O que dita o que se deve manter, demolir reconstruir ou requalificar é o contexto sobre o qual a ruína se insere, os valores que esta transmite e que implicações tem para com a cultura e identidade da comunidade onde se insere e sobre a qual tem influência. Tudo isto, forma diferentes possibilidades no momento de identificar o modo de intervir mais adequado para a sua preservação.

O Laboratório na Ruína

No caso da antiga alfândega da Preguiça, a decisão parte da manutenção do estado de ruína e a *parasitação*, no seu interior, de um novo programa, (re)funcionalizando o espaço e, simultaneamente, separando o que é preexistente e em estado avançado de degradação do novo volume que alberga o programa do edifício. Esta decisão parte da análise criteriosa da implicância que esta ruína tem para o que é o Centro de Identidade. Trata-se de um edifício que hoje se funde com a paisagem nos seus traços devido aos processos naturais a que foi submetida. Como caracteriza Georg Simmel:

[...] o encanto da ruína é que, aqui, uma obra humana é sentida plenamente como um produto da natureza. [...] O que elevou o edifício foi a vontade humana, o que lhe dá o seu aspecto de agora é a força mecânica da natureza, que puxa para baixo e é corrosiva e destrutiva. (Simmel, 2008: 61)

A função atribuída aos edifícios é fundamental para o estabelecimento de um estatuto perene. Existe, por vezes, a necessidade de se atualizar a função dos edifícios para que correspondam às imposições contemporâneas, como por exemplo mudanças de paradigmas sociais e avanços tecnológicos. A (re)funcionalização da antiga alfândega da Preguiça toma, assim, um papel preponderante na revitalização do seu Centro de Identidade, também este abandonado e, hoje, com novos usos vigentes.

A formulação do Laboratório da Preguiça não corresponde a um momento pontual, mas ao início de uma ação conjunta que tem em vista a revitalização urbana da vila. A integração de população local no que será o Gabinete Técnico no Laboratório da Preguiça, permitirá que as necessidades destacadas no PDIS sejam colmatadas. Por outro lado, o Centro Interpretativo visa valorizar a cultura, promovendo-a sobre uma premissa didática, de forma a que a comunidade e os visitantes da vila não vejam a ruína apenas como um momento contemplativo, mas também como uma parte integrante do centro interpretativo, no caso, o edifício também faz parte da exposição e interpretação.

A reabilitação do edifício procura a criação de um ambiente mais satisfatório e com melhoria de condições, transcendendo o próprio edifício e inspirando as entidades competentes para a importância da preservação patrimonial. As relações que o edifício prevê cumprir entre a população e a CMRB tem como objetivo gerar apoio político de forma a promover o apoio para outras das intervenções já anunciadas no Antepiano de Desenvolvimento Local. Simultaneamente, procura-se o apoio da população para a participação na fomentação e execução das indicações para o desenvolvimento sustentável. Sendo um edifício com importância para a Identidade da vila, a sua reabilitação pretende também contribuir para o fortalecimento da História.

Durante muitos anos, as agendas políticas estiveram maioritariamente focadas nos problemas relacionados com as novas construções que, com o aumento progressivo da população, em alguns casos exponencial, o número de construções nos países em desenvolvimento põe em causa questões de uso do espaço público, de salubridade e higiene e do bem-estar social (Steinberg, 1996: 464). Quando esse crescimento não é regulamentado — como acontece em grande parte de Cabo Verde — leva a que zonas que têm valor patrimonial acrescido sejam desvalorizadas e por vezes marginalizadas. É por estas razões que a política tem um papel preponderante na identificação, valorização e preservação das zonas urbanas, promovendo o desenvolvimento integrado de zonas e não apenas de edifícios singulares.

O que pretendo com a intervenção na ruína e a sua manutenção não é, sob forma alguma, a perpetuação do seu estado atual como uma forma de valorização da degradação, mas sim como um enaltecimento da passagem do tempo, evocando também os períodos auspiciosos. Deste modo, surge a reabilitação da antiga alfândega da Preguiça e a sua transfiguração em Laboratório da Preguiça que, apesar de depender desta para a sua adequação, funciona autonomamente criando um diálogo entre a ruína e a nova construção, caracterizando-se no seu contexto e no imaginário da vila.

Por outro lado, uma intervenção quase cirúrgica, mantendo as especificidades da ruína e marcando a passagem do tempo, reforça a valorização da identidade da vila. Claro que a reabilitação no caso da intervenção em ruínas tem particularidades no campo de ação que dificultaram o processo, algo que aprofundarei mais à frente.



Pousada de Santa Maria do Bouro - Luis Alves



Caminhos de Bilimundo - Atelier Mar



Plano de Desenvolvimento Comunitário de Lajedos



Lleialtat Santsenca - Adrià Goula



Makoko Floating School - Iwan Baan

2.2. Casos de estudo

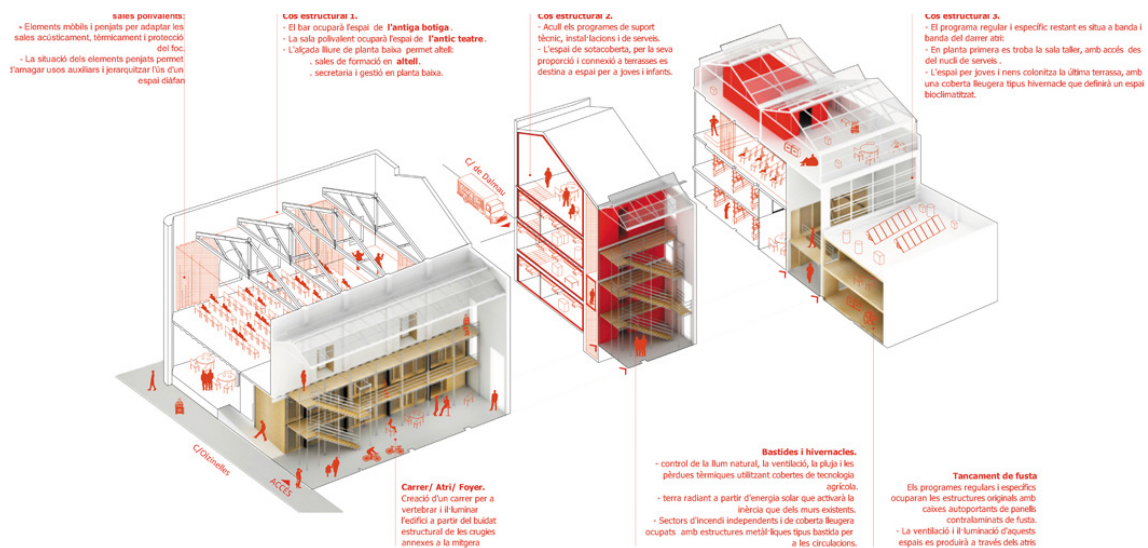
Durante o processo de projeto do Laboratório da Preguiça, tive a oportunidade de estudar várias obras dentro e fora da Europa. A seleção dos casos de estudo aqui abordados tiveram por base os critérios e método que adotei para a concretização do Laboratório da Preguiça: a relação com o património construído, a interpretação como preservação, a nova construção como motor de desenvolvimento e, por último a importância da participação de diversos atores para o desenvolvimento do projeto e manutenção da obra.

O Centro Cívico Lleiltat Santseca, projetado pelos H Arquitectes, por se assemelhar às ideias que estava a formular acerca do diálogo com a preexistência e por apresentar um intenso vínculo com a comunidade, inspirou-me no desenvolvimento do trabalho. Claro que existem no mundo inúmeros projetos que relacionam a ruína com a nova construção, alguns deles geograficamente mais próximos de mim, num contexto português, como por exemplo a reconversão do Mosteiro de Santa Maria do Bouro em pousada, efetuada pelo arquiteto Eduardo Souto Moura. No entanto o que ocasiona a decisão de realizar um estudo mais aprofundado acerca do Centro Cívico Lleiltat Santseca foi a visita que pude realizar em fevereiro de 2019 sobre a qual desenvolverei mais adiante.

De forma a relacionar adequadamente o Laboratório da Preguiça com o contexto e com a cultura cabo-verdiana, por sua vez, a visita ao Caminhos de Blimundo, uma obra concebida pelo Atelier Mar em Ribeira Torre, na Ilha de Santo Antão, foi essencial. Isto porque, além de ser uma obra localizada em Cabo Verde, relacionando-se geograficamente, possui um programa que apresenta pontos de convergência com o do Laboratório da Preguiça e com as intenções que pretendo através do desenvolvimento da interpretação. Marca-se, como um elemento de valorização do património e do espírito do lugar, realizado de forma sustentável e com a introdução de um turismo solidário.

Um outro estudo essencial no desenvolver do meu projeto foi acerca da obra Makoko Floating School, em Lagos na Nigéria, efetuada pelo atelier NLÉ, visto que intencionava, a partir da arquitetura, provocar um desenvolvimento para toda a comunidade no contexto em que se inseria. Neste, evidencia-se a importância do diálogo entre organismos externos, agentes locais e população para a manutenção da obra e o alcance dos objetivos primordiais do projeto.

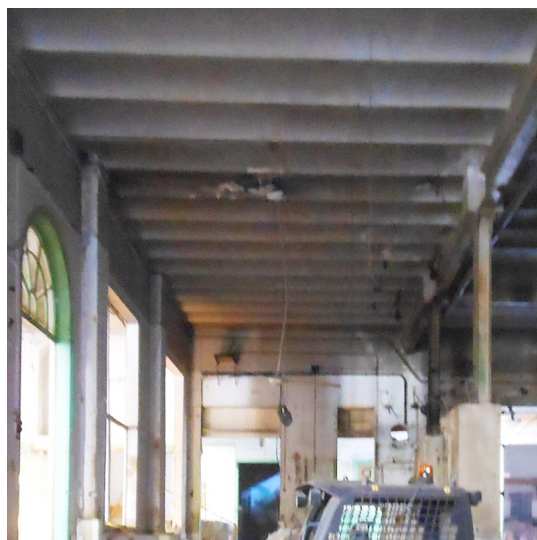
Ao longo do estudo para a elaboração do projeto, fui percebendo ainda a importância da participação da população na projeção de um desenvolvimento sustentável. A viagem a Cabo



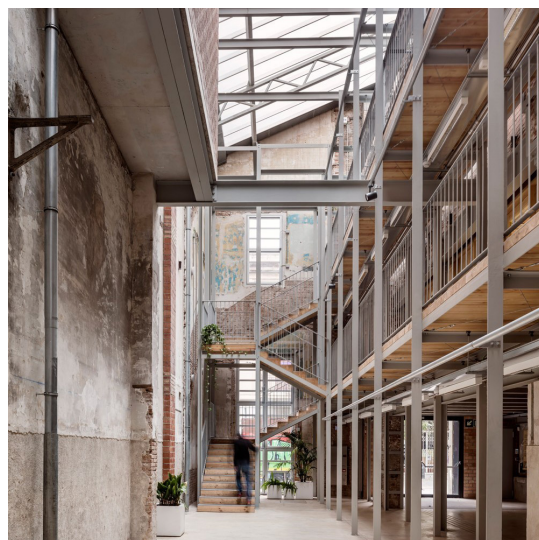
Axonometria do projeto *Lleitat Santeseca* - H Arquitectes



Cortes transversais do projeto *Lleitat Santeseca* - H Arquitectes



Átrio antes da intervenção - H Arquitectes



Átrio depois da intervenção - Adrià Goula

Verde, deu-me a conhecer o caso do Projeto de Desenvolvimento Comunitário de Lajedos que, através do desenvolvimento de uma ação participativa com a comunidade, criou uma série de equipamentos que pretendem possibilitar a capacitação da população que lá habita, ambicionando o empoderamento desta. Para além disso, os défices encontrados em Lajedos, tanto sob o ponto de vista social como económico, assemelham-se ao que é encontrado na Preguiça, atribuindo relevância ao estudo deste caso.

O *Centro Cívico Lleitat Santseca* trata-se de uma cooperativa num antigo bairro operário em Sants, Barcelona, que, através da colaboração entre várias entidades locais, promoveu uma reabilitação tendo como base as características identitárias do bairro e do próprio edifício, transformando-o num centro social que promove ações culturais junto da comunidade. É um exemplo da relação tensa que a nova construção pode ter com o que era ruína. Para além de refuncionalizar os espaços, a nova construção surge com uma nova forma e materiais, relacionando-se através da antítese com o preexistente. A base estruturante do projeto divide-se em quatro parâmetros: 1) procura tomar partido das características úteis originais, demolindo apenas o necessário; 2) define uma estratégia com ações iniciais e prioritárias, podendo estas ser mais ou menos conservadoras; 3) , procura-se um intenso diálogo com a sua envolvente; 4) pretende ser sustentável ambientalmente, tendo em conta o existente e as novas construções (H Arquitectes, s.d.). Estas são também características idealizadas para o *Laboratório da Preguiça*.

Como foi referido anteriormente, o que torna pertinente a escolha do *Lleiltat Santseca* foi a minha visita ao edifício, que me ajudou a perceber as dinâmicas que aconteciam lá dentro. No último piso estava a decorrer uma pequena festa que contava com a participação e organização das pessoas da terceira idade do bairro, nos pisos intermédios o ambiente já era diferente, as salas eram usadas para reuniões e debates, enquanto que no piso térreo os grupos de pessoas lá presentes, aparentavam ser uma mistura entre pessoas de fora e do bairro que no bar se sentavam a conversar, tendo como fundo, afixados na parede, várias ilustrações de artistas locais. Os diferentes ambientes e dinâmicas sociais que um edifício multifuncional pode oferecer são também uma característica do *Laboratório da Preguiça*, que, tal como o *Lleiltat Santseca*, procura albergar pessoas de diferentes grupos sociais e promover a sua integração.

O projeto do *Lleiltat Santseca* procurou manter o estado de envelhecimento encontrado na fachada principal, conservando a imagem da passagem do tempo. “O tempo passa, e é um importante valor que devia ser tomar parte da alma dentro do novo *Lleiltat*, e a fachada será a expressão disso.” (H Arquitectes, s.d.). Sendo este um dos motes para a preservação da ruína da antiga alfândega, o fator tempo trata-se de um importante componente na conceção do *Laboratório da Preguiça*.



Mapa dos *Caminhos de Blimundo*



Grog - Philippa Remhof



Arquitetura vernacular em Ribeira Torre



Arquitetura vernacular em Ribeira Torre



Percurso do *Caminhos de Blimundo* - Atelier Mar



Edifício que se destaca no *Caminhos de Blimundo*, sendo onde está afixada, com painéis informativos, a história usada para a interpretação

O Caminhos de Blimundo trata-se da reabilitação de um conjunto edificado que tem por base a interpretação de uma história popular chamada “Blimundo: O maior boi do mundo”, criando, alegoricamente, o percurso que o touro Blimundo faz ao subir a encosta do monte. Desta forma, o projeto assume as premissas da interpretação como forma de valorização do património, contribuindo para a integração do visitante na realidade local, promovendo um turismo solidário.

O projeto procura preservar a identidade local, a história e, simultaneamente oferecer aos habitantes novas oportunidades de empregos e uma distribuição equitativa dos rendimentos promovendo o desenvolvimento humano e a luta contra a pobreza e exclusão social partindo da capacitação e integração. As habitações – tal como os projetos da Laura Gaspar e da Philippa Remhof – integram um sistema de alojamento local, promovendo a capacitação da população local e oferecendo ao visitante uma forma de se relacionar com a região gerando um “prazer solidário de conhecer e participar no desenvolvimento das comunidades que visita” (Brito, Alarcão e Marques, 2009: 94).

Para além disso, procura valorizar a cultura, o património e a diversidade local, preocupando-se com a proteção da natureza e sustentabilidade, sensibilizando e responsabilizando os viajantes para a gestão de recursos e desperdícios para o desenvolvimento sustentável. O turismo solidário deve estar envolvido num projeto mais amplo de desenvolvimento local, utilizando recursos endógenos e associando o turismo com os outros setores. Por conseguinte, as atividades devem ser pautadas por princípios de participação das comunidades e de democracia interna com corresponsabilização externa, assim, promove-se uma gestão eficiente com assessoria externa (Brito, Alarcão e Marques, 2009: 93).

O Caminhos de Blimundo é ainda um exemplo da reabilitação da arquitetura vernacular que, partir de materiais endógenos, adequa-se ao pré-existente. A utilização de materiais corresponde aos utilizados naquele tipo de construção, ou seja, pedra basáltica, paredes caiadas de branco e cobertura em colmo, mas, com a exceção de uma nova construção esta em pedra aparente com um desenho de cobertura distinto que contextualiza a paisagem e a nova intervenção, sendo este um dos primeiros momentos da interpretação do “Caminhos de Blimundo”.

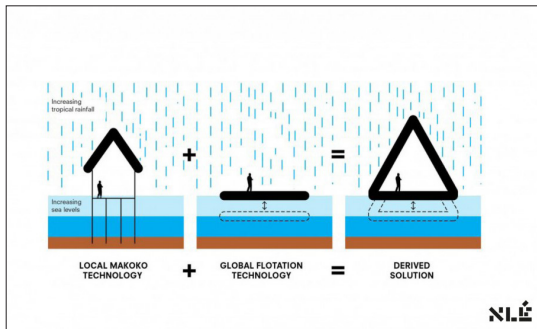


Diagrama da Makoko Floating School - NLE



Protótipo do sistema construtivo da escola - NLE



Makoko Floating School - NLE



Vista aérea de Makoko - NLE

O projeto de *Makoko Floating School* surge como uma ação de resiliência, para com, e da população que habita na região inserida na comunidade de Makoko na Nigéria. Trata-se de uma comunidade que ocupa as margens da lagoa de Lagos em construções sob estacas e cuja deslocação é feita de barco. As construções são frágeis, desprovidas de infraestruturas e a população que lá reside tem baixos recursos, consequentemente, há uma distribuição sem espaços públicos e com problemas de organização (Adeyemi, 2013).

A comunidade de Makoko está anexa a uma das principais vias de estruturação viária da Nigéria e, por isso, o governo emitiu uma ação judicial para o despejo dos habitantes, podendo originar um processo de gentrificação e retificação da região. A partir da análise da situação, o atelier NLÉ desenvolveu um plano faseado que tem como objetivo a reabilitação da região de modo a garantir a qualidade de vida da comunidade a partir da proposta de construção de uma escola (Adeyemi, 2013).

O edifício proposto procura transmitir à população formas mais adequadas de se construir naquele tipo de contexto seguindo princípios de sustentabilidade essenciais tendo em atenção as mudanças climáticas, mais concretamente a subida do nível das águas que ameaçam a construção existente no momento. A escola é estruturada com o apoio da população, desde a conceção até à concretização da obra. Apresenta técnicas construtivas inovadoras que têm como propósito a repetição por parte dos seus habitantes e a adaptação a cada um dos edifícios privados. Em primeiro lugar, e contrariamente à restante construção de Makoko, o projeto flutua (NLÉ, 2016: 1).

Para além da participação da população, numa fase inicial, o projeto teve o apoio de várias entidades. A gestão, nos primeiros dois anos, estava a cargo do atelier NLÉ e, passado este período, ficaria à tutela do governo nigeriano e da comunidade.

Resultado de uma tempestade, o edifício foi danificado nas suas amarrações ao solo, ficando à deriva, o que provocou danos severos na estrutura. O governo e a comunidade não tomaram as devidas providências para reparar a obra, gerando o colapso numa tempestade posterior. A situação é um exemplo da necessidade da gestão e do compromisso por parte das várias entidades (NLÉ, 2016: 2-5).



Loja Lajedos - António Lopes



Loja em Lajedos



Restaurante Babilónia em Lajedos - in [tripadvisor.pt](https://www.tripadvisor.pt)

O Plano de Desenvolvimento Comunitário de Lajedos refere-se a um projeto que objetiva um desenvolvimento integrado da comunidade de Lajedos, que enfrentava vários problemas de ordem social, cultural e económica, resultantes do desemprego, da escassez das chuvas e também do fraco nível de organização devido à ausência na localidade de autoridades administrativas (Lopes, 2016: 53).

Lajedos é uma comunidade rural isolada, fundada em 1890 por António Luís Delgado, que conta com uma população de aproximadamente 600 habitantes (censo de 2010). Está situada no interior da ilha de Santo Antão, no Município do Porto Novo, com uma paisagem reveladora das características vulcânicas da ilha, delimitada de um lado por elevadas montanhas e do outro marcada pela imponente do seu desfiladeiro. A localidade compõe-se por terrenos de cultivo nas suas encostas e aglomerados de casas que testemunham a sua arquitectura vernácula - casas de pedra e coberturas de colmo. Actualmente as casas estão a ser construídas com blocos de cimento e com cobertura plana. (Lopes, 2016: 53)

Uma importante premissa do projeto, visando promover a capacitação da população e estimular o sentimento de pertença desta para com a obra, diz respeito à participação da comunidade desde a conceção até à concretização. Toma como base para a definição dos programas dos equipamentos construídos o artesanato e os vários ofícios presentes na comunidade, sendo as novas construções: uma oficina de transformação agroalimentar bem como a sua loja; o Sítio Museológico; o forno de cerâmica, que ocupa uma posição central em Lajedos; a oficina de produção de materiais de construção, que foram usados nas várias obras; e a escola comunitária, que funciona enquanto polo de atividades essencial na fomentação do desenvolvimento comunitário. Para além disso, foram também recuperados terrenos agrícolas e desenhado o espaço público formando várias praças a diversas cotas que agregam os equipamentos (Lopes, 2016: 57).

Além disto, todas as propostas arquitetónicas foram feitas com base nos materiais e técnicas construtivas locais, excetuando-se a sala de recursos do Sítio Museológico e o restaurante Babilónia que, através de materiais de construção alternativos produzidos com matérias locais, geram um maior impacto na paisagem.

2.3. Planeamento Interpretativo

CULTURA ou CIVILIZAÇÃO, tomadas em seu sentido etnográfico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, crenças, arte, a moral, o direito, os costumes e outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade (Tylor, 1920: 1).

Cultura tem uma dimensão coletiva, a expressão da totalidade da vida social do homem. Património Cultural pode ser definido como “a representação simbólica das identidades dos grupos humanos” (Pérez, 2009: 140). Para a valorização dos valores inerentes à condição humana a preservação do património manifesta-se como uma peça chave.

Como nem sempre é fácil entender que valores estão intrínsecos à condição dos indivíduos de um determinado contexto, é necessária a criação de mecanismos como a interpretação para o perpetuar.

De forma a ser o mais eficaz possível na divulgação de uma cultura, a interpretação deve ser devidamente planeada e estruturada de forma a não fraturar a história e apresentar visões parciais. Tildem defende a necessidade de definir primeiro alguns princípios base na conceptualização e criação de um centro interpretativo. São estes:

- 1) A interpretação deve considerar as características dos visitantes
- 2) Ter em conta que a informação em si não é interpretação
- 3) É uma combinação de artes, que deve ser ensinada com imaginação
- 4) O seu objetivo principal é a provocação
- 5) Deve apresentar o todo em vez das partes

No entanto, estas indicações apenas se aplicam ao momento da comunicação e não ao momento da pesquisa, ou como esta é feita. O ICOMOS recomenda a interpretação e apresentação como componentes essenciais na conservação e divulgação do património (Trindade *et al.*, 2018: 223). A partir daí define sete objetivos que estão na base para a interpretação.

- 1) O princípio da acessibilidade física e intelectual para todos;
- 2) A garantia da fiabilidade das fontes de informação;
- 3) A atenção às configurações dos contextos que compõe o ambiente;
- 4) A preservação da autenticidade;

- 5) O planeamento sustentável;
- 5) A preocupação com uma política colaborativa entre profissionais, comunidades e *stakeholders*;
- 7) A importância da pesquisa, treino e avaliação (ICOMOS, 2008b: 5).

O planeamento interpretativo ajuda a determinar se a interpretação do objeto abordado é apropriada e em que nível de desenvolvimento está a investigação acerca disso. Auxilia a criação de objetivos concretos e a perceção da razão de o projeto ser abraçado com a base da interpretação. Caso surjam confusões, uma revisão dos objetivos indicará o que está a falhar. Para além disso, perceber-se-á qual a audiência que está a ser abordada e, mais importante, qual não está, para que a interpretação seja dirigida a grupos específicos.

É importante que se perceba que uma interpretação orientada para o maior número de pessoas dentro do público geral tem mais hipóteses de ser eficaz do que uma interpretação orientada para especialistas de diversas áreas, não tocando no público geral. Por conseguinte a noção de público alvo é importante na fase de planeamento interpretativo de forma a se manter a fidelidade com o tema a ser estudado.

O planeamento interpretativo ajudará a promover a visita zonas mais relevantes para o conhecimento do território e da cultura local, sendo possível a sensibilização do público em relação à preservação das áreas frágeis. Sendo que é necessário um estudo e registro das zonas suscetíveis frágeis de forma a se estabelecer estratégias de preservação e divulgação. O conhecimento de outras histórias, que parte da pesquisa essencial durante o planeamento interpretativo, pode também contribuir para o enriquecimento da que serve de objeto interpretativo, podendo, no futuro, ser um complemento para o desenvolvimento de métodos e interpretações distintas que levem a melhores resultados dos que antecipados.

Para o planeamento interpretativo, James Carter indica cinco questões que fazem o embasamento do início do processo da interpretação. As primeiras três devem ser perguntadas simultaneamente: O que está a interpretar? Qual vai ser a audiência? Quais são as características do que se está a interpretar? A resposta a estas três perguntas culminará na resposta a uma pergunta mais importante: O que tu vais fazer? “Se uma das perguntas tiver mais ênfase, o modelo construído será distorcido desigual, um modelo que não se encaixa no mundo real” (Carter, 2008: 4-5).

O mais desafiante, no entanto, reside em: o que acontece depois? Após a resposta a estas três perguntas o que acontece para que o plano seja o melhor executado possível?

Alguns planos precisam de foco estratégico, montando o contexto para futuros projetos, mas deixando as especificações do que são esses projetos, ou que conteúdos vão para uma exposição, para uma futura peça de trabalho. Outros planos são mais detalhados, especificando temas, objetivos e até mesmo qual o conteúdo deve ser para cada intervenção num determinado sítio (Carter, 2008: 4-5).

A coletividade tem um importante papel no desenvolvimento de processos de desenvolvimento e planeamento interpretativo. Por um lado, a participação das comunidades proporciona um desenvolvimento recíproco, ou seja, o desenvolvimento do centro interpretativo ajuda também na da comunidade; por outro, o sentimento de partilha que surge nos processos colaborativos tende a valorizar os planos de interpretação pois as pessoas, ao ver que as suas ideias estão a ser continuadas adquirem mais interesses e desejo de preservar e valorizar. Para além disso, um projeto interpretativo pode ser beneficiado a partir do conhecimento adquirido nas comunidades uma vez que lidam diretamente com as necessidades.

A participação de diferentes entidades na organização e planeamento da interpretação é benéfica ajudando no financiamento de diferentes iniciativas importantes para a interpretação. A inclusão de indivíduos ou sociedades que tenham não só interesse, como também, especialidade nos temas abordados garante um desenvolvimento consciente e sustentado da interpretação. A participação das comunidades exponencia a coletividade, mas é necessária uma equipa pluridisciplinar encarregue de várias funções para que a interpretação seja, não só mais dinâmica, como também mais apelativa. A necessidade de trabalhar com instituições é necessária para que a sensibilização por parte da interpretação chegue a mais lados.

A escolha da forma como a informação é exibida é preponderante para a definição de um centro interpretativo, ajudando tanto na facilidade de partilha de informação, como no contacto com a comunidade e com os visitantes que procuram o centro. Os resultados de um centro interpretativo também variam consoante a escolha da forma expositiva usada. Por exemplo:

História viva – A possibilidade de interpretar a história fazendo a representação de factos reais torna a interpretação mais dinâmica e intuitiva, sendo possível o envolvimento da audiência e a partilha de informação com quem está a representar. No entanto, o modo de vida e os costumes de uma comunidade numa determinada época tornam-se difíceis de representar apesar da procura de uma autenticidade histórica, caindo por vezes em preconceitos, o que pode por em risco o objetivo da interpretação.

Publicações e painéis informativos – A inclusão de materiais impressos faz com que interpretação não necessite de muitos recursos para ser efetuada, sendo que, a dispersão de painéis informativos ao longo da exposição permite uma relação mais direta entre o visitante e o objeto a ser interpretado, no entanto, este tipo de exposição tem dificuldade em captar a atenção.

Áudio-guias – Em primeiro lugar, são uma forma portátil para a interpretação, sendo indicados para grandes áreas, permitindo ao visitante marcar o próprio ritmo durante a visita. Em segundo lugar, tem várias opções linguísticas permitindo abraçar um maior número de visitantes e beneficiando o utilizador estrangeiro. No entanto, podem acarretar custos elevados, não só porque são materiais que exigem uma manutenção regular, mas também porque o seu aperfeiçoamento pode ser custoso.

Novas tecnologias – Permitem a utilização de formas inovadoras e criativas de interpretar como, por exemplo, a realidade virtual. Possibilita a imersão por parte dos visitantes nos objetos a ser interpretados, contribuindo para uma melhor dinâmica no processo interpretativo. Motiva que os visitantes sejam o próprio guia garantindo uma melhor fluidez entre as informações a ser interpretadas, no entanto, é um meio de interpretação que acarreta elevados custos e conhecimentos especializados para a sua correta aplicação (Pereira, 2017: 24-25).

O planeamento interpretativo é essencial para uma aproximação à necessidade de valorização do património, estabelecendo uma relação direta entre o que é atrativo no mesmo com o visitante através do fornecimento de informações que revelam a identidade do património. Por conseguinte, é necessário se perceber a audiência recursos, objetivos da interpretação, método, que vai ser envolvido na interpretação e como será feita. Para além disso, a interpretação pode também se ancorar em *sítios especiais*, ou seja, sítios ou objetos que transmitem ao visitante significados emocionais intensos de forma a capturar a atenção para a necessidade de valorização e preservação.

Dentro do planeamento interpretativo, a avaliação é uma etapa fundamental de forma a validar as decisões tomadas aquando a definição do programa, estabelecendo um ciclo que depende do cumprimento ou não dos objetivos estabelecidos e, simultaneamente, ajuda a encontrar formas de mudar a interpretação posteriormente.

Há diversas formas de avaliar se a interpretação está a funcionar, sendo que estas têm que ser bem organizados, sendo necessária a validação do método e da técnica que se está a usar

Qual o porquê da interpretação?

- Aumentar o conhecimento
- Gerir visitantes
- Gerenciar um sítio
- Melhorar a economia

O que vamos interpretar?

Devemos pensar sobre:

- Coisas que os visitantes podem ver
- As histórias únicas que o sítio tem para contar
- Sítios aos quais o acesso tem que ser controlado
- O que foi interpretado noutros sítios
- Que temas vão ser estudados

Para quem é?

- Características
- Números
- Interesses e expectativas
- Duração da estadia

Como vai ser feito ?

- Forma de exposição
- Localização e tempo dos elementos expositivos
- Objetivos interpretativos
- Cruzamento de temas
- Estilo

Como vai ser gerido

- | | |
|--------------|-------------|
| • Materiais | • Sítio |
| • Staff | • Edifícios |
| • Manutenção | • Dinheiro |

Monitorização e avaliação

- Está a funcionar?
- Atingiu os objetivos?
- Como melhorar?

Tradução livre do esquema: *how the issues connect* (Carter, 2001:10)

para que a avaliação seja confiável. O método de avaliação pode ser direto, que consiste na entrevista aos visitantes, ou indireto, que consiste na observação dos visitantes. É muito importante que não se tirem conclusões precipitadas aquando a avaliação da interpretação, pois por vezes o método e técnica podem não ser confiáveis. Nem sempre que uma pessoa está a olhar demoradamente para um painel quer dizer que esta a esta a fazer questionar sobre algo, podendo este apenas não ser muito perceptível, ou o visitante pode apenas estar a observar com um olhar desatento. Para que a avaliação seja eficiente, tem que se ter em consideração a amostra a ser avaliada, uma vez que nem sempre é possível entrevistar o número total de visitantes, devendo ser continuada pois, consoante a altura do dia ou da semana, os grupos que visitam a interpretação variam.

Todos estes fatores ajudarão a que o funcionamento do CIP no Laboratório da Preguiça seja o mais eficaz possível, usando a cultura e identidade como instrumentos pedagógicos para a necessidade de preservação do património. Convém reforçar que o Centro Interpretativo da Preguiça não é apenas um museu, as características inerentes aos centros interpretativos obrigam a aplicação de normas e práticas para a correta aplicação da interpretação a um longo prazo. O bom funcionamento do *Centro Interpretativo* é fundamental para a fomentação do *Laboratório da Preguiça* como um edifício gerador de melhorias tanto sociais como culturais.

3- Projeto



Desenho da marginal da Preguiça com vista para antiga alfândega

3.1. Memória

A estratégia de intervenção proposta para o Laboratório da Preguiça parte da assunção dos períodos que construíram a história do edifício e, consecutivamente, da vila, desde a ascensão à decadência. Por isso, e desde logo, a opção de assumir a sua ruína como testemunho histórico e elemento estruturante do projeto. Sendo esta forte na sua materialidade e imagem, a intervenção tem, necessariamente, de ser ligeira, próxima na forma e distante na linguagem. Além disto, as demolições têm de ser o mais contidas possível, apenas para que o edifício se consiga adaptar ao novo programa e ao novo uso.

A posição do edifício, o seu simbolismo e o impacto que tem sobre o território, como foi mencionado anteriormente, não foram negligenciados, e, consecutivamente, tiveram um impacto no desenvolver do projeto. A perceção de um edifício que se destaca na paisagem marcando-se como ponto de referência tanto para quem chega de terra como de mar demonstram que as estratégias a seguir devem ir de acordo com a singularidade do edifício, e, consequentemente, também estas singulares.

Trata-se de uma aproximação ao património incomum para Cabo Verde, em primeiro lugar porque é um país em que a preservação não está tão institucionalizada como em muitos outros países do mundo, mas também porque esta toma moldes de valorização não só do que havia sido construído, mas também do espaço temporal decorrido a par da sua degradação.

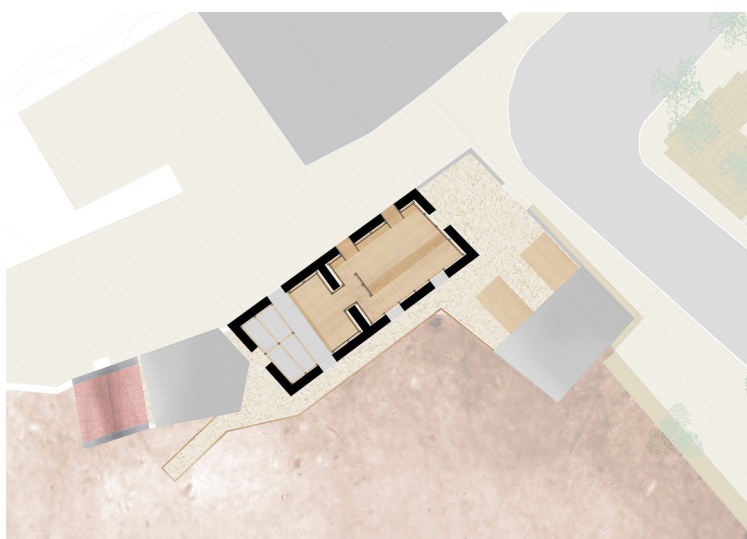
A memória coletiva atua de diferentes modos para com o património construído no que toca à sua aceitação social. É, por conseguinte, impactante que um povo que desde sempre viu um edifício que, apesar da sua importante localização e função no passado, estava em ruínas, e, é reabilitado refuncionalizado e posto ao serviço da população. Tudo isto resultará na transformação do antigo edifício da alfândega num motor de desenvolvimento sustentável e parte integrante inicial do Plano de Desenvolvimento e Salvaguarda da Vila da Preguiça. Com o apoio e participação da população, na aprovação e validação das opções tomadas na fase de anteprojecto e, posteriormente, no desenvolvimento de conteúdos programáticos para o bom funcionamento do centro interpretativo, adquire-se um sentimento de partilha da população para com o Laboratório da Preguiça, atribuindo-lhe uma conotação simbólica. Este simbolismo adquirido, por sua vez, acaba por não só valorizar o objeto, como também o Centro de Identidade em que este se insere.

A elaboração de elementos que deem o apoio à comunidade, abrirão a possibilidade de garantia de consciência social por parte da população e de responsabilidade social por parte das entidades competentes. Por conseguinte, foram estruturadas no plano para o Laboratório



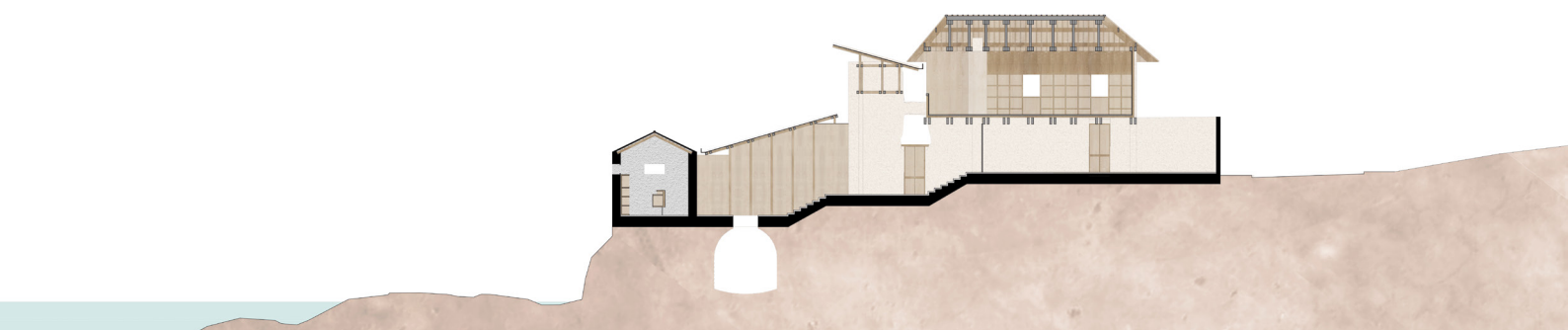
Planta do rés-de-chão do Laboratório da Preguiça

2m ⊖



Planta do primeiro piso do Laboratório da Preguiça

2m ⊖



Corte longitudinal do Laboratório da Preguiça

2m

da Preguiça dois programas base que respondem às imposições propostas pelo edifício em si. A criação de um gabinete técnico permitirá a aplicação do PDIS, bem como a administração dos recursos locais, dando assessoria administrativa à CMRB. O centro interpretativo possibilitará o registro de documentação e a sua exposição, associando esta às premissas da interpretação, de forma a retratar a identidade da Preguiça, tanto para quem lá habita como para quem a visita.

Como foi referido anteriormente, a interpretação é um dos métodos de preservação e valorização mais eficazes devida à facilidade de comunicação que tem para com a população e o visitante, visto que procura valorizar características locais apoiando-se no conhecimento adquirido a partir das comunidades. Dado que o mais próximo núcleo museológico se situa no Tarrafal e é dedicado à pesca, achei essencial uma unidade situada na Preguiça, de forma a valorizar a cultura e identidade da Vila e, assim, garantir as melhorias possíveis para o futuro.

A criação do CIP, chamará a atenção na Ilha de S. Nicolau para a necessidade da preservação e valorização patrimonial. A colaboração com a comunidade da vila e diferentes entidades procurará uma correta adequação ao contexto e, consecutivamente, a exposição de benesses bem como a identificação de problemas que possam existir no local.

A participação da Câmara Municipal da Ribeira Brava, bem como a divisão do turismo podem ajudar por um lado a proporcionar e atrair investimentos, bem como auxiliar na criação de dinâmicas de aproximação da população local ao projeto, apelando a sua participação. Para além disso, há a possibilidade de disporem de técnicos e investigadores em áreas, que, no futuro, podem ser abraçadas pelo centro interpretativo. Uma outra entidade essencial no desenvolvimento do CIP é o Atelier Mar, uma vez que acompanham desde início a criação do mesmo e têm a valorização do património como um dos principais objetivos. Para além disso, já conta com experiência no envolvimento da comunidade nos seus projetos, podendo dar auxiliar no momento da sua aproximação, que é essencial para que o projeto seja valorizado por parte da população e não apenas por parte das entidades que o gerem.

Para que o CIP tenha capacidade de atrair os visitantes à Preguiça e, assim, gerar um novo fluxo na região, é necessário criar medidas que favoráveis à atração. Uma das formas é garantir que o Centro Interpretativo, não funcione apenas no edifício da antiga alfândega, mas também tenha ações que se aproximam mais da população da Preguiça, da Ribeira Brava e do resto de S. Nicolau. Com o objetivo de demonstrar aos habitantes de S. Nicolau, a pertinência da valorização e preservação do Centro de Identidade da Preguiça, uma aproximação para com as comunidades vizinhas, ajudará a fortalecer essa pertinência, bem como atrair visitantes, e



Preexistência



Fotomontagem do Laboratório da Preguiça

para além disso, questionar a população se nessas outras áreas não há a necessidade também de preservação e valorização do património.

Na fase inicial da estruturação do CIP, tem que ser organizada uma equipa que será responsável por diferentes tarefas para que a interpretação seja planeada e avaliada e monitorizada de forma constante e organizada.

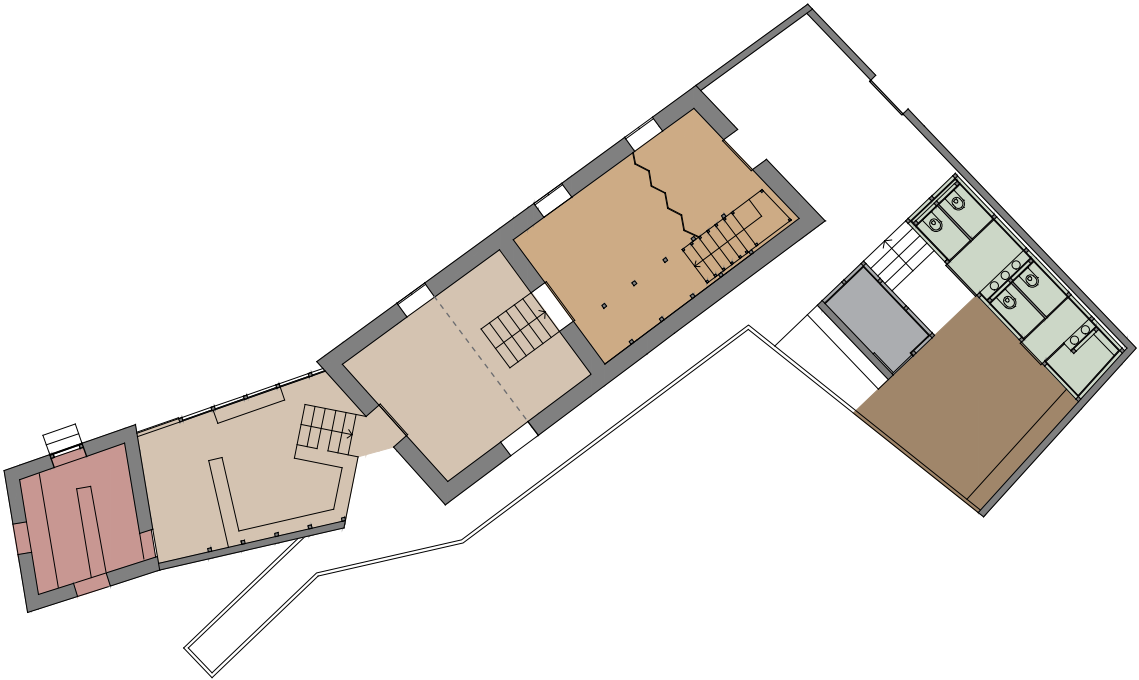
A definição do que interpretar, deverá ocorrer mais tardiamente, a partir da investigação acerca das histórias passíveis de ser contadas passíveis de envolver a comunidade, bem como através do contacto com a população e das entidades que se envolvam no processo. No entanto, há alguns elementos que considero essenciais numa fase inicial do desenvolvimento do CIP.

Como parte de um plano de desenvolvimento e salvaguarda o Centro Interpretativo da Preguiça, na sua fase inicial de implementação, deve demonstrar essa intenção de melhoria e de progresso, por isso, pretende-se que na fase inicial o projeto, na sua exposição, tenha uma visão do que pode ser a Preguiça no futuro, uma exposição acerca dos materiais que farão parte da imagem da Vila no futuro, bem como, os próprios projetos que foram desenvolvidos para a vila no Laboratório(s) da Preguiça.

Pretende-se que, para além disto, seja um dinamizador do turismo da região, buscando sempre uma relação entre o património, o produto e a comunidade. Prevê-se que possa existir uma pequena loja com elementos de produção local e lá possam ser vendidos e exibidos com o intuito de promover um turismo cultural e a valorização dos produtos locais.

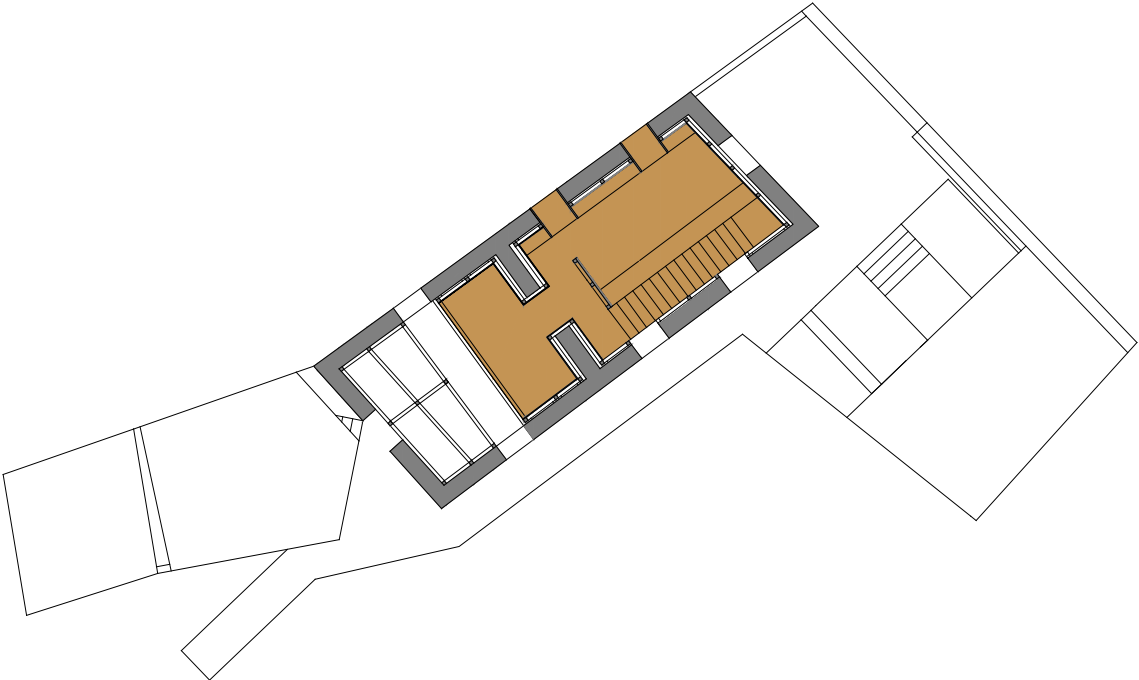
O Centro Interpretativo da Preguiça, pretende se assinalar como um exemplo no que diz respeito à criação de espaços museológicos em Cabo Verde. Em S. Nicolau, busca ser uma referência na investigação preservação, valorização e divulgação do património caboverdiano. Propõe-se um espaço dinamizador e envolvente para com a comunidade nas atividades realizadas, fortalecendo os laços com a identidade cultural e, simultaneamente, contribuindo para a revitalização económica da região ao ser um novo polo de emprego e de fluxo turístico.

Esquemas de distribuição programática



Rés-de-chão

1m ⊙



Primeiro piso

1m ⊙

- Receção - 8,96 m²
- Centro Interpretativo - 51,40 m²
- Sala de Exposições / Sala de Reuniões - 30,30 m²
- Arrumo - 4,32 m²
- Espaço de Oficinas - 18,28 m²
- Instalações Sanitárias - 11,67 m²
- Gabinete Técnico - 27,99 m²

3.2 Programa

O programa foi estruturado a partir das necessidades encontradas ao longo da pesquisa e visita ao local com o propósito de melhoria e desenvolvimento da vila. Marcado pela intenção de valorização da identidade e cultura da Preguiça, é simultaneamente um edifício que ambiciona a promoção de um desenvolvimento sustentável integrando-se com as outras propostas para a vila.

A distribuição do programa define os espaços destinados ao uso público e os destinados a trabalho técnico exercido pelo Laboratório. Todo o programa associado ao público situa-se no piso térreo sendo que no piso superior apenas se localiza o Gabinete Técnico.

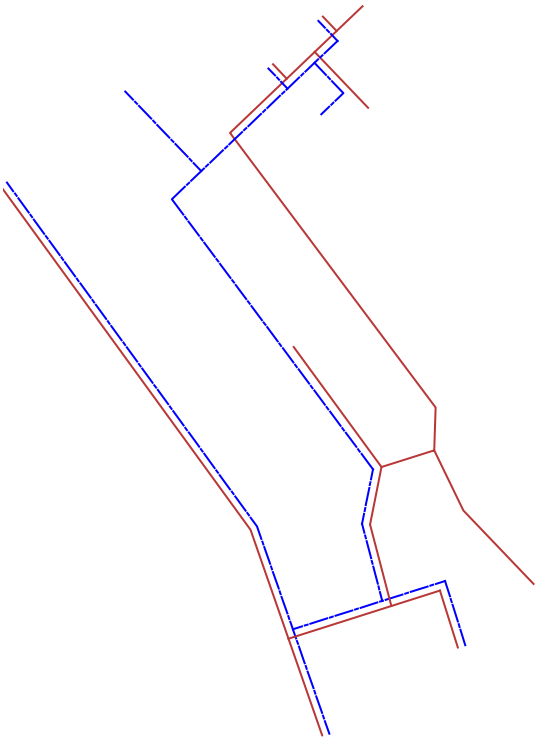
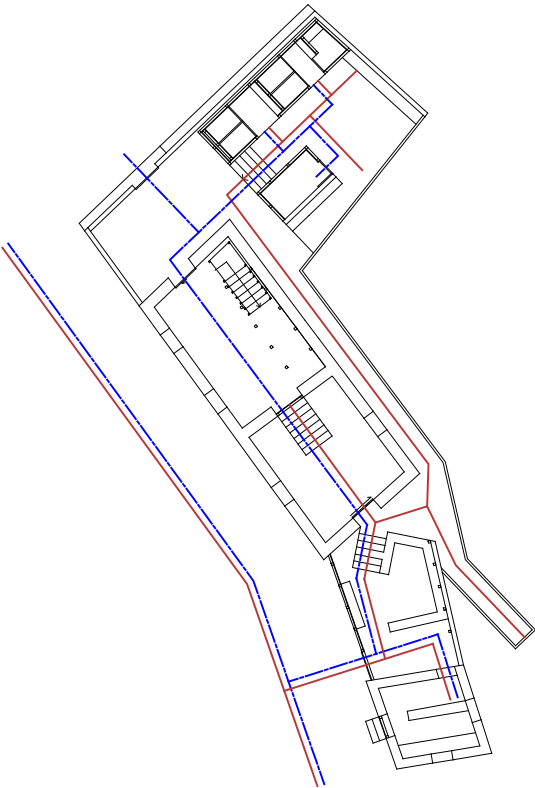
A entrada principal para o edifício é por um novo volume que faz a ponte entre dois elementos pertencentes à preexistência. O percurso é um momento de contemplação da paisagem, e, uma vez no seu interior, ocorre uma filtragem desta, orientando o visitante para diferentes elementos que a tornam marcante. A conexão com o Centro Interpretativo logo na fase de entrada no edifício torna experiência do visitante mais imersiva. Tendo o CIP uma posição central, ajuda na distribuição dos fluxos de pessoas que procuram as várias áreas do Laboratório da Preguiça, marcando-se como o elemento estruturante. Promove uma relação direta com a cultura e com a identidade da Preguiça através da didática e da interpretação. Mas, como foi referido anteriormente, para o bom funcionamento do CIP não basta a inicial aplicação do núcleo museológico, este exige uma preparação programática, investigação e aferição dos materiais importantes para exposição (bem como o seu suporte). Para isso destaco algumas áreas, sendo estas essenciais para o correto funcionamento do CIP São estas:

Coordenação do projeto - Responsável pela gestão do processo de planeamento, angariação de possíveis apoios institucionais, bem como o cumprimento das metas estabelecidas no planeamento.

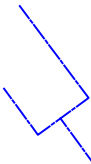
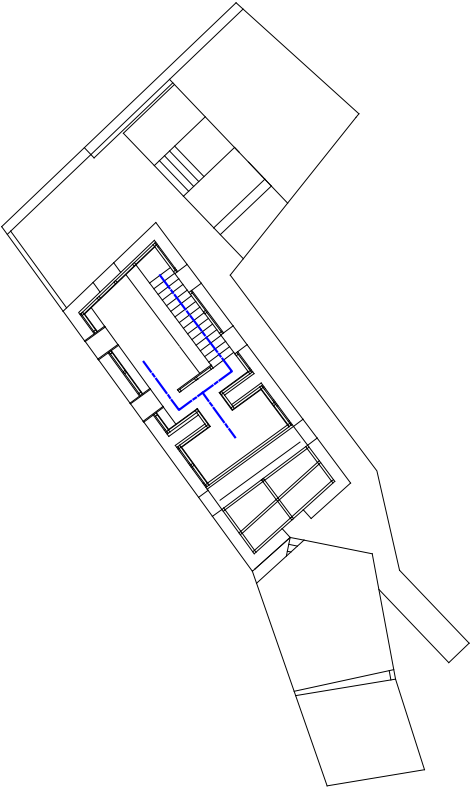
Investigação - Responsável pela investigação e documentação do local, bem como os valores patrimoniais da interpretação.

Interpretação do património - Responsável pela coordenação do programa interpretativo, tendo em consideração os recursos existentes e o público alvo. Tem como objetivo a garantia do cumprimento dos princípios inerentes à interpretação.

Esquemas de circulação



Rés-de-chão



— Público — Serviço

Marketing e design - Responsável pela divulgação e comunicação dos programas aferidos no plano interpretativo, bem como a sua materialização.

Gestão - Responsável pela gestão dos recursos financeiros associados ao programa interpretativo.

A definição do que interpretar, deverá ocorrer mais tardiamente, a partir da investigação acerca das histórias passíveis de ser contadas e de envolver a comunidade, bem como através do contacto com a população e das entidades que se envolvam no processo.

A par da realização dos outros projetos pela equipa do Laboratório(s) da Preguiça foi determinada a necessidade de uma unidade de apoio ao visitante da vila da Preguiça. A antiga alfândega foi determinada como o sítio indicado para este programa devido à existência de programas auxiliares tais como a oficina e o Centro Interpretativo que providenciam ao visitante interações imersivas com a Vila da Preguiça. Mas a razão não foi apenas essa, a sua localização privilegiada torna a sua identificação fácil para quem não conhece a região. Esta unidade procurará não só servir como apoio a quem passa uma longa temporada na Preguiça, com a prestação de serviço de reservas de alojamento local, mas também para quem visita a Preguiça por pequenos períodos de tempo, com serviço de cafetaria e receção ao Centro Interpretativo. A unidade é criada num pequeno anexo que já era pré-existente no complexo da antiga alfândega e localizar-se-á junto à entrada. Sendo a sua área é reduzida pelo que o seu programa se apropria também do átrio de entrada com bancos e espaços de estar que poderão coexistir com elementos expostos.

A caracterização de um espaço oficial no Laboratório da Preguiça permite a relação entre o artesanato, a comunidade, e os visitantes criando contacto entre si e demarcando-se como um espaço não só de produção como também de exposição e contemplação, situa-se a norte do complexo, com o muro pré-existente corta a sua relação com a rua do comércio abrindo-se em direção à paisagem marítima relacionando-se assim com o seu simbolismo fantasioso e criativo. É neste pátio que também estão as instalações sanitárias e o armazém de apoio ao Laboratório sendo todos os espaços de fácil acesso e capazes de providenciar um serviço condigno. O pátio prolonga a sua relação com um mar através de um percurso exterior a sudeste que percorre parte do perímetro do edifício do lado marítimo ligando-se à entrada, rematando aí em direção ao mar com o intuito contemplativo.

Os espaços dedicados ao público têm na sua génese versatilidade e buscam dar respostas às necessidades imediatas, podendo no futuro as suas funções mudar.



Maquete de estudo do Laboratório da Preguiça

A circulação pelo edifício e pelos diversos programas pode ser tanto interior como exterior, procurando, para além da relação com a paisagem, a introspeção e relação com o próprio objeto do Laboratório da Preguiça. Por exemplo a área dedicada às reuniões do gabinete técnico pode também ser transformada em sala de exposições temporárias do CIP consoante as necessidades.

O gabinete técnico terá como função o ordenamento do território, bem como, a fomentação de uma responsabilidade social. Através da sua pluridisciplinaridade, procura responder às várias necessidades da Preguiça nas várias áreas, visando a melhoria social e o avanço. A relação deste serviço com o Município da Ribeira Brava e o estreitamento das relações com as comunidades destas duas localidades poderá proporcionar a atração de investimentos que ambas as localidades poderão beneficiar juntas.

Como membros do Laboratório da Preguiça prevê-se, no gabinete técnico que sejam empregados: 1)um(a) assistente social, que como função tem a valorização dos direitos sociais, bem como a aplicação de políticas públicas discutidas e aprovadas no gabinete técnico; 2) um(a) arquiteto(a)- tem como função a aplicação do plano e a sua revisão, fica responsável pela fiscalização dos projetos em execução, bem como a aprovação de novos projetos; 3) um(a) engenheiro(a) civil- tem como função a fiscalização das obras a ser executadas, bem como, garantir que as necessidades de infraestruturas públicas são cumpridas 4) um(a) administrador(a)- Responsável pela gestão dos recursos financeiros e da secretaria associada ao gabinete técnico; 5) um(a) diretor(a)- responsável pela gestão e pela organização do gabinete técnico. Para além destes postos de trabalho o Laboratório da Preguiça precisará também de alguém responsável pelas limpezas e manutenção e outra pessoa para o serviço de receção, informação e controlo das entradas e saídas no edifício. O Centro Interpretativo, como foi referido precisará também de uma equipa, como foi referido anteriormente, cujas dimensões variarão consoante o que se está a interpretar e em que fase da interpretação se encontra.

O projeto procura uma intrínseca relação com a envolvente próxima como é o caso da praça adjacente (hoje em dia sem desenho urbano e a ser utilizada informalmente pela população prevê-se a sua reabilitação e redesenho de forma a promover e valorizar os encontros entre população que já se realizam no local). O seu piso constituído por placas de betão tingido a ocre (tonalmente relacionado com o resto da vila) com dimensões 100x50 cm penetram no complexo do Laboratório da Preguiça apenas mudando de direção no interior do edifício maior.



Anomalias nas paredes da ruína da antiga alfândega - José Mesquita

As tecnologias e materiais para construção do Laboratório da Preguiça e para a manutenção da ruína da antiga alfândega procuraram ser, por um lado o máximo sustentáveis e duráveis possível, mas também de mais fácil aplicação, sendo que esta preferencialmente será feita pelo Atelier Mar com a participação da população da vila. Desta forma as soluções construtivas têm de ser simples e eficazes. Os materiais usados nas novas construções são materiais leves destacando-se da austeridade proclamada pela ruína. O sistema construtivo é independente e não necessita das preexistências para a sustentação.

Utilizam-se vigas lameladas e painéis de madeira contraplacado permite que a nova construção tenha uma maior durabilidade sendo de fácil aplicação apresentando semelhanças com a madeira que é usualmente utilizada na construção cabo-verdiana.

Para uma correta adequação do projeto terão que ser realizadas análises laboratoriais e picagens aos vários elementos que constituem a antiga alfândega de forma a que as anomalias não ponham em causa a integridade do edifício. A análise dos diferentes materiais e das suas propriedades de elasticidade também têm um grande contributo para a correta implementação e adequação dos elementos.

“Qualquer abordagem corre o risco de ser incompleta e, em todo o caso, haverá cruzamentos de anomalias e respetivas causas que impossibilitarão uma classificação rigorosa” (Appleton, 2003: 87). Os fatores que podem originar anomalias em edifícios podem ser, entre outros, o envelhecimento dos materiais aliado às ações dos agentes climáticos, desgaste devido ao uso etc. levando a alterações das características de elasticidade dos mesmos. Fenómenos naturais tais como sismos, inundações e incêndios também correspondem a uma parcela considerável dos edifícios com anomalias. No entanto, as ações provocadas pelo homem correspondem à maior parcela dos edifícios degradados (Appleton, 2003: 88-89).

O gabinete técnico é o único do conjunto que tem cobertura de telha cerâmica, sendo que os outros equipamentos têm cobertura em chapa de zinco deixando claro que são acrescentos, fazendo referência à construção popular em chapa zincada, que por aquecer demasiado e pela sua durabilidade ser reduzida foi descartada em relação à chapa de zinco. O tipo de telha utilizada é a marseilha, uma vez que está presente na construção local e também noutros projetos do Laboratório(s) da Preguiça

A escolha do material para a intervenção reforça o caráter de leveza que se pretende em contraste com o peso que se sente na ruína construída em alvenaria. Todo o projeto procura essa relação. Os acrescentos feitos não são complanares em relação às paredes das ruínas, mas sim é feito um ligeiro afastamento, reforçando a ideia de acrescento, de leveza e de

contemporaneidade. A cobertura distancia-se do topo das paredes e projeta-se para o exterior, por um lado protegendo-as das águas das chuvas, por outro separando-se da construção preexistente.

As principais características do edifício são: a forte relação com o mar e a sua construção sobre uma pequena escarpa vítima de erosão marítima. O percurso externo visa reforçar a relação com o mar e com a escarpa. É suspenso sobre a mesma e desprende-se do complexo, fazendo um *foyer* sobre o mar e um momento contemplativo.

O Laboratório da Preguiça, a partir das relações que estabelece, da sua posição e dos materiais que utiliza, procura demarcar-se como um ponto de referência na Vila da Preguiça.

Considerações finais

O conjunto de dissertações que fizeram parte do Laboratório(s) da Preguiça permitiu ao grupo de estudantes o contacto com uma realidade extraeuropeia e, sobretudo, com a execução de projetos para um contexto real. Por conseguinte, os resultados obtidos eram de maior interesse para elementos externos, como investidores e clientes, mas, sobretudo, para a população, que será a mais beneficiada com o desenvolvimento posterior. Acredito que este tipo de ações com parcerias que envolvem agentes locais, entidades governamentais e a população deve acontecer mais frequentemente no meio académico, uma vez que permite o exercício real da profissão desde a relação com o cliente à relação com o território.

O presente trabalho, com foco na reabilitação da antiga alfândega da Vila da Preguiça que hoje se encontra em estado de ruína, pretende firmar a importância da refuncionalização do património para a respetiva valorização e preservação. A introdução de um programa que relaciona a interpretação e a gestão territorial caracteriza o Laboratório da Preguiça: um motor para o desenvolvimento sustentável. O estado de grande parte dos edifícios do Centro de Identidade evidencia a necessidade de revitalização urbana, uma vez que ajudará a combater os problemas de ordem social inerentes à degradação patrimonial.

O Laboratório da Preguiça demonstra a possibilidade da refuncionalização na qual a construção nova não destrói o que é antigo e, para além, disso encontra uma ligação com a identidade local. Isto, faz com que a intervenção não seja impositiva e distante do contexto em que se insere, mas sim algo que nasce da própria história e cultura da Vila de Preguiça, valorizando-a e preservando-a. Sob a mesma premissa, ao incentivar a participação da comunidade, o projeto pretende a fomentação de um sentimento de pertença da população para com a obra, estimulando a sua utilização, ocupação e, conseqüentemente, a sua manutenção. No que diz respeito ao programa, o Laboratório da Preguiça, através da criação do Gabinete Técnico possibilita a administração e aplicação do Plano de Desenvolvimento Integrado e Salvaguarda da Vila da Preguiça. O apoio ao alojamento local, cria um diálogo com os projetos para a habitação da Vila da Preguiça, da Laura Gaspar e da Phillipa Remhof, pertencentes ao Laboratório(s) da Preguiça, uma vez que proporciona apoio logístico para a correta adequação dos alojamentos numa lógica de turismo solidário proporcionando à população acesso a novas formas de rendimento. O centro interpretativo, por sua vez, aproxima tanto os visitantes como a própria população à história e à cultura da vila fomentando, novamente, o sentimento de pertença e também de responsabilidade social para a preservação do património, aplicada sob uma premissa didática, promovendo a participação no desenvolvimento sustentável

tanto por parte da população como dos visitantes. Para além disso, as oficinas presentes no Laboratório da Preguiça promovem a criação, por parte da comunidade, de artesanato com a possibilidade de expor os trabalhos efetuados no centro interpretativo, procurando a promoção da identidade local. Em suma, o projeto estimula um desenvolvimento sustentável a partir da articulação de várias estratégias para a valorização e preservação da identidade da Vila da Preguiça.

Bibliografia

- Adeyemi Kunle (Orador). (2013). *Kunle Adeyemi - NLE - Makoko Floating School* [Vídeo de palestra] Stad-Forum. Amsterdão. Acedido em 16 de junho de 2019, em: https://youtu.be/u3-0w-_yPsE
- Araujo, Renata. (2015). Influência, Origem, Matriz. Em: Rossa, W., Ribeiro, M. C. (Org.). *Patrimónios de Influência Portuguesa: modos de olhar*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Appleton, João A. S. (2003) *Reabilitação de edifícios antigos: patologias e tecnologias de intervenção*. Edições Orion. Amadora.
- Brito, Brígida R, (Org.), Alarcão, Nuno, Marques, Joana. (2009). *Desenvolvimento Comunitário: das teorias às práticas: Turismo, Ambiente e Práticas Educativas em São Tomé e Príncipe*. Gerpress, Comunicação Empresarial e Marketing Lda. Lisboa.
- Carter, James. (Ed.). (2001). *A Sense of Place: An interpretive planning handbook*. 2ª edição, Scottish Interpretation Network. [s.l.]. Acedido em 19 de junho de 2019, em: https://www.jamescarter.cc/wp-content/uploads/2014/09/A_Sense_of_Place_James_Carter.pdf
- Carter, James. (2008). *Five Questions. The Journal of the Association for Heritage Interpretation* (Vol. 13, parte 3, pp. 4-5). [s.l.]. Acedido em 19 de junho, em: https://www.jamescarter.cc/wp-content/uploads/2014/09/Five_questions_James_Carter.pdf
- Choay, Françoise. (2014). *Alegoria do Património*. Edições 70. Lisboa.
- Conselho da Europa. (1975). *Carta Europeia do Património Arquitetónico*. Congresso sobre o Património Arquitetónico Europeu. Amsterdão, 21 a 25 de outubro de 1975. Acedida em 02 de junho de 2019, em: <https://www.culturante.pt/fotos/editor2/1975-carta-europeia-do-patrimonio-arquitetonico-conselho-da-europa.pdf>
- Cuche, Denys. (1999). *A noção de cultura nas ciências sociais*. EDUSC. Bauru. Acedido em 03 de junho de 2019, em: https://www.academia.edu/4727173/A_No%C3%A7%C3%A3o_de_Cultura_nas_Ci%C3%A7ncias_sociais_CUCHE
- Cunha, Claudia. R. (2006). Alois Riegl e “O culto moderno dos monumentos”. *Revista CPC* (Vol. 1, No 2, pp. 6-16). São Paulo. Acedido em 03 de junho de 2019, em: <http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15586>
- Dillon, Brian. (2014). *Ruin lust: Artists' fascination with ruins, from Turner to the present day*. Tate Publishing. Londres.
- Escritório Internacional dos Museus e Sociedade das Nações. (1931). *Carta de Atenas*. Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos. Atenas, 21 a 30 de outubro de 1931. Acedido em 28 de maio de 2019, em: <https://www.culturante.pt/fotos/editor2/1931-carta-de-atenas-escritorio-internacional-dos-museus-sociedade-das-nacoes.pdf>

- Fonseca, Joana. R. R. (2006). *HISTORI[CIDADES]: Reflexão Sobre Novas Intervenções em Contextos Urbanos Históricos*. Prova final de Licenciatura em Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Goth, Belmira. A. B. (2014). *Geopatrimónio da Ilha de São Nicolau: Valorização Geoturística*. Tese de Mestrado em Geografia Física: Ambiente e Ordenamento do Território. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- H Architectes. (s.d.). *Centre Civic Lleialtat Santsenca 1214*. Acedido em 06 de junho de 2019, em <http://www.harquitectes.com/projectes/centre-civic-lleialtat-santsenca-harquitectes/>
- ICOMOS (1964). *Carta de Veneza: Sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios*. IIo Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos. Veneza, 25 a 31 de maio de 1964. Acedido em 28 de maio de 2019, em: https://www.culturanorte.pt/fotos/editor2/1964-carta_de_veneza-ii_congresso_internacional_de_arquitetos_e_tecnicos_de_monumentos_historicos_icomos.pdf
- ICOMOS. (1994). *Declaração de Nara: Sobre a autenticidade*. Conferência de Nara. Nara, 01 a 06 de novembro de 1994. Acedido em 28 de maio de 2019, em: https://www.culturanorte.pt/fotos/editor2/1994-declaracao_de_nara_sobre_autenticidade-icomos.pdf
- ICOMOS. (1999). *International Cultural Tourism Charter: Managing Tourism at Places of Heritage Significance*. 12th General Assembly of ICOMOS. Cidade do México, outubro de 1999. Acedido em 28 de maio de 2019, em: https://www.icomos.org/charters/tourism_e.pdf
- ICOMOS. (2008a). *Declaração de Québec: Sobre a preservação do “Spiritu loci”*. 16th General Assembly of ICOMOS. Quebec, 29 de Setembro a 4 de outubro de 2008. Acedido em 28 de maio de 2019, em: https://www.culturanorte.pt/fotos/editor2/2008-declaracao_de_quebec_sobre_a_preservacao_do_espirito_do_lugar-icomos.pdf
- ICOMOS. (2008b). *The ICOMOS Charter for the Interpretation and Presentation of Cultural Heritage Sites*. 16th General Assembly of ICOMOS. Quebec, 29 de Setembro a 4 de outubro de 2008. Acedido em 28 de maio de 2019, em: http://icip.icomos.org/downloads/ICOMOS_Interpretation_Charter_ENG_04_10_08.pdf
- Júnior, Mário. A. S. (2017). O conceito de ruína e o dilema da conservação em arte contemporânea. *Revista AR4* (No 2, pp. 137-157). [s.l.]. Acedido em 04 de junho de 2019, em: <http://www.museupatrimonio.fau.usp.br/ara-2-yma-tempo-e-memoria/>
- Lynch, Kevin. (1972). *What time is this place?*. The MIT Press. Cambridge.
- Lopes, Paloma. E. C. S. M. (2016). *Sede do Atelier Mar: Projecto de Reabilitação*. Tese de Mestrado em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto.

- McDowel, Sara (2008), “Heritage, Memory and Identity”, in B. J. Graham; Peter Howard (orgs.), *The Ashgate Research Companion to Heritage and Identity*. Burlington: Ashgate, 37-53.
- Monteiro, Gizela. G. (2008). *Empowerment – Uma estratégia de luta contra a pobreza e a exclusão social em Cabo Verde: O caso de Lajedos*. Tese de Mestrado em Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais – Análise e Gestão. Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa.
- NLÉ. (2016). *Makoko Floating School FAQs: On collapse and regeneration plans*. Acedido em 04 de junho de 2019, em: <http://www.nleworks.com/case/makoko-floating-school/>
- Pereira, Inês. G. D. (2017). *Presença Templária em Tomar: Proposta para a Criação de um Centro Interpretativo*. Tese de Mestrado em Gestão do Turismo e Hotelaria. Faculdade de Turismo e Hospitalidade da Universidade Europeia. Lisboa.
- Pires, Fernando. J. M. R. (2017). *Há vila além da costa: Urbanidades em Cabo Verde no século XIX*. Tese de Doutoramento em Patrimónios de Influência Portuguesa – Arquitectura e Urbanismo. Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Pérez, Xerardo. P. (2009). *Turismo Cultural: Uma visão antropológica*. Asociación Canaria de Antropología, PASOS – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, Tenerife. Acedido em 06 de junho de 2019, em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosedita/PSEdita2.pdf>
- Ramos, Eurico. e Leite, David. (2019). *Blimundo é nós Força! Um povo k ta snba e dá côr a realidade!* Escola de Samba Tropical. Mindelo. Acedido em 16 de junho de 2019, em: <https://ligoc.cv/wp-content/uploads/2019/01/sinopse-enredo-EST-2019.pdf>
- Riegl, Alois. (1984). *Le culte moderne des monuments: Son essence et sa genèse*. Éditions du Seuil. Paris.
- Rossa, Walter. (2015). *Fomos condenados à cidade: uma década de estudos sobre património urbanístico*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Ruskin, John. (1956). *The Seven Lamps of Architecture*. J.M. Dent and Sons. Londres.
- Sampaio, Catarina. (2006). *Habitação Rural em Santo Antão (Cabo Verde)*. Tese de Mestrado em Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Simmel, Georg. (2019). *Simmel: a ruína*. Fortuna, C.(Org.), Ribeiro, A. (Trad.). Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.

- Steinberg, Florian. (1996). Conservation and Rehabilitation of Urban Heritage in Developing Countries. *Habitat International* (Vol. 20, No. 3, pp. 463-475). Elsevier Science Ltd. Grã Bretanha.
- Tilden, Freeman. (1977). *Interpreting Our Heritage*. 3ª edição., The University of North Carolina Press. Chapel Hill.
- Trindade, Luísa. et.al. (2018). Centro de Interpretação de Muhipiti. Em: Rossa, W., Lopes, N., Gonçalves, N. S. (Org.). *Oficinas de Muhipiti: planeamento estratégico, património, desenvolvimento*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Tylor, Edward. B. (1920). *Primitive Culture: Researches into the development of mythology, philosophy, religion, language, art, and custom* (Vol. 1). 6ª edição, Murray. Londres. Acedido em 11 de julho de 2019, em: <https://archive.org/details/primitiveculture01tylouoft/page/n7>
- UNESCO. (1972). *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*. Paris, 17 de outubro a 21 de novembro de 1972. Acedido em 28 de maio de 2019, em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/ConvencaoparaaProteccaodoPatrimonioMundialCulturaleNatural.pdf>
- Vaz, Raquel. M. (2009). *Património: Intervir ou Interferir? – Sta. Marinha da Costa e Sta. Maria do Bouro*. Tese de Mestrado em Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Viollet-Le-Duc, Eugène. (1866). *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIème au XVIème siècle*. Morel et Co. Paris.

Anexos

Anexo 1

Laboratório(s) da Preguiça

1. Objeto

Laboratório(s) da Preguiça é uma ação de cooperação entre a Câmara Municipal de Ribeira Brava, o M_EIA – Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura, o Atelier Mar (ONG), o Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra [dARQ] e a Cátedra UNESCO Diálogo Intercultural em Patrimónios de Influência Portuguesa [Patrimónios], também da Universidade de Coimbra, com vista à elaboração de um programa integrado de intervenções nos quadros físico, sociocultural e económico de Preguiça, na Ilha de São Nicolau, Cabo Verde.

2. Objetivos

Os objetivos principais das intervenções a propor são:

- O reforço da qualidade de vida dos habitantes de Preguiça, incluindo a criação de emprego e/ou reforço das condições de trabalho e o (re)alojamento de um grupo de 20 famílias que deverá desocupar edifícios com valor patrimonial que a Câmara Municipal da Ribeira Brava pretende destinar a outros fins;
- O desenvolvimento e/ou capacitação de atividades enquadradas na economia e cultura do mar (pesca, turismo, transportes, etc.), incluindo: a criação e/ou requalificação de infraestruturas; a instalação de equipamentos e serviços; e a formação para o associativismo;
- A valorização do património urbanístico, incluindo intervenções diretas no edificado e no espaço público, bem como a produção e/ou organização de conteúdos para registar e divulgar a história do lugar.

1

Palavras-chave: Cultura e salvaguarda em desenvolvimento; planeamento estratégico; economia social; habitação; reabilitação.

3. Modelo de funcionamento

Os trabalhos a realizar no âmbito do(s) *Laboratório(s) da Preguiça* constituirão o mote para o desenvolvimento de dissertações de mestrado de um conjunto de alunos finalistas dos Mestrados Integrados em Arquitetura [MIA] do M_EIA e do dARQ. Significa isto que o modelo de funcionamento desta ação de cooperação assenta na articulação das atividades letivas do último ano de formação dos estudantes de arquitetura – atividades dedicadas à preparação das suas dissertações de mestrado –, com atividades de extensão e prestação de serviços à comunidade.

Cada um dos três grandes objetivos do(s) *Laboratório(s) da Preguiça* proporcionará a definição de linhas temáticas individuais para a dissertação de cada estudante, embora todas devam ter uma



M_EIA

Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura
MINDELLO | S. VICENTE – CABO VERDE



DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Colégio das Artes, Largo D. Dinis 3000-143 Coimbra, Portugal
Tel. +351 239 851 350 Fax. +351 239 829 220
secretaria_darq@ucp.pt

P PATRIMÓNIOS.

natureza de projeto, ou seja, deverão ser dissertações que apresentem propostas de planeamento urbanístico e de projeto de arquitetura para a Preguiça (infraestruturas, edifícios e espaço público).

Os trabalhos serão desenvolvidos pelos alunos finalistas sob a orientação de professores do M_EIA e do dARQ.

O início e o término dos trabalhos coincidirão com o calendário escolar dos MIA, ou seja, terão início em setembro de 2018 e terminarão em julho de 2019. Num período intermédio, em dezembro de 2018, serão apresentados os primeiros resultados do(s) Laboratório(s), constituídos pelos estudos prévios das propostas de intervenção em Preguiça.

Este momento terá lugar em São Nicolau e constituirá uma oportunidade para os alunos avaliarem a pertinência dos estudos prévios que desenvolveram, assim como para consolidar as suas propostas a partir da sua discussão com os orientadores, os representantes da comunidade de Preguiça e a Câmara Municipal de Ribeira Brava, para o seu posterior desenvolvimento até níveis de detalhe que possibilitem a programação de trabalhos com vista à sua realização efetiva.

4. Calendário

<u>Setembro/Outubro, 2018</u>	Início dos trabalhos (dARQ/M_EIA)
<u>Dezembro, 2018</u>	Viagem de estudo e discussão dos estudos prévios (São Nicolau)
<u>Julho, 2019</u>	Finalização dos projetos

2

5. Dissertações

4.1. Bases de trabalho necessárias

a) Bases cartográficas

É imprescindível um conjunto de bases cartográficas, nomeadamente o levantamento topográfico digital. Este material será recolhido ao longo dos trabalhos.

b) Estudos sociais, economia, edificado, história.

A recolha de dados sobre o local (realidades históricas, socioeconómicas, características do cadastro atual, etc.) é fundamental para completar os elementos gráficos e serão igualmente recolhidos ao longo dos trabalhos.

4.2. Temas para as dissertações

Com base nos objetivos principais das intervenções a propor, será importante identificar desafios urbanos que permitam definir (potenciais) temas de dissertação. Apresentamos 4 propostas, sendo que cada uma poderá dar origem a várias teses, em número e modo ainda a definir.

a) Visão Estratégica (Plano de Desenvolvimento Integrado)



M_EIA

Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura
INTERIOLO (S. VICENTE) – CABO VERDE



DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Colégio das Artes, Largo D. Denis 3000-143 Coimbra, Portugal
Tel. +351 231 851 950 Fax. +351 231 829 220
secretaria_darq@fuc.pt



Este tema será trabalhado de forma conjunta e, portanto, comum a todos os alunos. Tratando-se de uma base transversal a todas as teses, poderá formar, também ela, uma tese (não de projeto de arquitetura, mas de planeamento).

b) Plano de Requalificação do Espaço Público

Um plano de requalificação do espaço público implica um elevado envolvimento com os restantes projetos, ajudando a definir os equipamentos, mobiliário urbano, percursos, (...), essenciais para a (re)definição e melhoria da qualidade desses áreas.

c) Habitacões (Realojamento de 20 famílias)

Os projetos de habitação para realojar 20 famílias não são, por si só, temas de dissertação. Para o serem, os alunos deverão adotar um método assente na ideia de que os projetos das casas servem outros propósitos para além da habitação das famílias. Isso não significa que a habitação delas não tem um valor em si, mas importará considerar que casas possam contribuir para outros interesses públicos. Desse modo, podem ser definidos diferentes temas para as dissertações, nem todas respeitantes à Preguiça em termos exclusivos, nomeadamente:

- As casas enquanto “projeto planeado”: dissertação baseada, não apenas num projeto de arquitetura “clássico”, mas num guião para a (auto)construção que garanta níveis de integração:
 - na cultura (de construção) cabo-verdiana ao nível dos sistemas construtivos tradicionais e respetivas imagens arquitetónicas;
 - no clima;
 - no património;
 - ...
- Arquitetura bioclimática e especificidades do contexto cabo-verdiano e, em particular, de São Nicolau;

3

d) Projeto de novos equipamentos (relacionados com o ‘mar’ e/ou com a ‘terra’)

Alguns dos equipamentos a criar e/ou requalificar em Preguiça visam reforçar a (sua) economia do mar, baseada essencialmente na pesca. Deste modo, as dissertações que investirem neste tema deverão ser desenvolvidas com base na defesa do contributo que os equipamentos podem dar a este nível, além do contributo para a (natural) (re)qualificação do espaço público. Alguns dos equipamentos e serviços que são:

- Ancoradouro (porto de pesca e/ou porto de recreio);
- Gare (transportes públicos);
- Restaurante, hotel;
- Mercado, centro comunitário.

e) Projeto de reabilitação de edifícios com valor patrimonial

Dependendo dos valores culturais presentes, poderá haver um *enfoque patrimonial* e, assim, ter sentido a elaboração de um Plano de Salvaguarda, incluindo um projeto de reabilitação de



M_EIA

Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura
VINHEDO | S. VICENTE - CABO VERDE



DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Colégio das Artes, Largo D. Dinis 3000-143 Coimbra, Portugal
Tel. +351 239 851 350 Fax. +351 239 859 220
secretaria_dam@ucp.pt

P PATRIMÓNIO.

edifícios com valor patrimonial. O seu desenho deve ser claramente distinto de um plano urbanístico “clássico”: com base na Visão Estratégica, poderá ser elaborado um guião ou de recomendações para a salvaguarda.

5. Bibliografia

As dissertações aqui referenciadas resultaram de pesquisas realizadas através dos motores de busca bibliográfica. Eleitas pelos títulos/temas que apresentam, merecem ser consultadas e avaliada a sua pertinência. Esta lista bibliográfica está incompleta e pretende-se a colaboração dos alunos no seu enriquecimento, tanto no seu âmbito geral, como nos temas tratados individualmente.

- ALBUQUERQUE, Luís de; SANTOS, Maria Emília Madeira (Coord.) (1991-2002), *História Geral de Cabo Verde*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical. 3 vols., 2001-2002.
- BARROS, Ricardo Pereira (2018) — *Estudo de uma Solução Integrada de Sustentabilidade para uma Comunidade Rural de Cabo Verde - A Fajã, na Ilha de São Nicolau - A partir da Construção de Indicadores Ambientais e Socioeconómicos*. Dissertação de Mestrado Integrado em Engenharia do Ambiente, apresentada à Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Porto: [s.n.]
- BARROS, Vítor (2009) — *Campos de concentração em Cabo Verde: as ilhas como espaços de deportação e de prisão no Estado Novo*. Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra
- ESTRELA, Maria Miguel (2005) — *O envolvimento da população na redução da exclusão e na extensão da proteção social. Desenvolvimento Comunitário de Lajedos. Cabo Verde*. Genebra: Organização Internacional do Trabalho.
- FILHO, João Lopes (1996) — *Ilha de S. Nicolau, Cabo Verde: formação da sociedade e mudança cultural*. 2 Vol. Lisboa: Secretaria Geral, Ministério da Educação,
- FILHO, João Lopes (1998) — *O Forte do Príncipe Real e a Defesa da Ilha de S. Nicolau*. Cascais: Edições Património.
- GUEDES, Manuel Correia (Coord.) (2011) — *Arquitetura sustentável em Cabo Verde. Manual de Boas Práticas*. Lisboa: CPLP.
- GOTH, Belmira (2014) — *Geopatrimónio da Ilha de São Nicolau: Valorização Geoturística*. Dissertação de Mestrado em Geografia Física: Ambiente e Ordenamento do Território apresentada ao Departamento de Geografia, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra: [s.n.]
- GRAÇA, Eliane Miriam Gomes — *Impactos do projeto de desenvolvimento comunitário de Lajedos para a comunidade local*. Tese de Licenciatura em Turismo, apresentada ao Instituto de Ciências Económicas e Empresariais. Mindelo, São Vicente: [s.n.]
- LOPES, Leão (2001) — *Manual básico de construção: guia ilustrado para a construção de habitação*. Praia: Ministério das Infraestruturas e Habitação.
- LOPES, Paloma — *Sede do Atelier Mar. Projeto de reabilitação*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto: [s.n.]
- MADRRM, FAO (2012) — *Plano de Ação para o Desenvolvimento de Agricultura da Ilha de São Nicolau 2009-2012*. Praia: MADRRM.
- MONTEIRO, Milene; FERNANDES, Paula Odete (2015) — “Competitividade de destinos turísticos: o caso das ilhas de Cabo Verde.” *Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 13(4), pp. 875-896.



M_EIA

Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura
MINDÉLO | S. VICENTE | CABO VERDE



FCUC DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Colégio das Artes, Largo D. Dinis 3000-143 Coimbra, Portugal
Tel. +351 239 851 300 Fax. +351 239 859 220
secretaria_dam@ucp.pt



- MONTEIRO, Sílvia e CUNHA, Lúcio (2011) – “Cheias rápidas em Cabo Verde. Um breve apontamento acerca das tempestades de Setembro de 2009 na Ilha de S. Nicolau” in PEREIRA, Alcides *et al.* (2011) — *Interioridade / Insularidade, Despovoamento / Desertificação. Paisagem, Riscos Naturais e Educação Ambiental em Portugal e Cabo Verde*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 177-190.
- PIRES, Fernando (2017) — *Há vida além da costa. Urbanidade(s) em Cabo Verde no século XIX*. Tese de doutoramento em Patrimónios de Influência Portuguesa, apresentada ao Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra. Coimbra: [s. n.]
- SALOMÃO, Madeleine (2013) — *Associativismo e Desenvolvimento Local – O papel das Associações Comunitárias da Ilha de São Nicolau (Cabo Verde)*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Área de Especialização em Desenvolvimento e Políticas Sociais apresentada à Universidade do Minho.
- SILVA, António Leão Correia e (1998), *Espaços Urbanos de Cabo Verde: o Tempo das Cidades-Porto*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. 1998
- TEIXEIRA, André (2004) — *A Ilha de São Nicolau de Cabo Verde nos séculos XV a XVIII*. Lisboa: CHAM, UNL, FCSH.



M_EIA

Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura

MINIOLLO / S. VICENTE - CABO VERDE



FACTUC DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Colégio das Artes, Largo D. Dinis 3000-143 Coimbra, Portugal
Tel. +351 239 851 350 Fax. +351 239 859 220
secretaria_dam@ucp.pt

P | **PA**
TRI
MÓ
NÍOS.

Anexo 2

Laboratório(s) da Preguiça

Visita de Estudo, dezembro de 2018, 7-16

Programa

7 e 8

Viagem de Coimbra (Pt) até São Nicolau (CV)

9 a 11

Contato com o contexto e a realidade do plano-projeto na Ilha de São Nicolau

Visitas à Ribeira Brava e Tarrafal

Trabalho de campo na Preguiça:

- levantamentos arquitetónicos e inquéritos;
- discussão do(s) programa(s) da intervenção com a população e entidades locais, designadamente com a Câmara Municipal de Ribeira Brava

12 e 13

Viagem da Ilha de São Nicolau p/ a de São Vicente

Visitas ao Mindelo, São João de Évora, Baía da Gatas, Madeiral

Visita à M_EIA

14 e 15

Viagem para a Ilha de Santo Antão

Visita à Ilha e à oficinas e projetos de desenvolvimento integrado da ONG Atelier Mar em Lajedos, Ponta do Sol e Chã do Feijoa

Viagem para a Ilha de São Vicente

16

Viagem de regresso a Coimbra



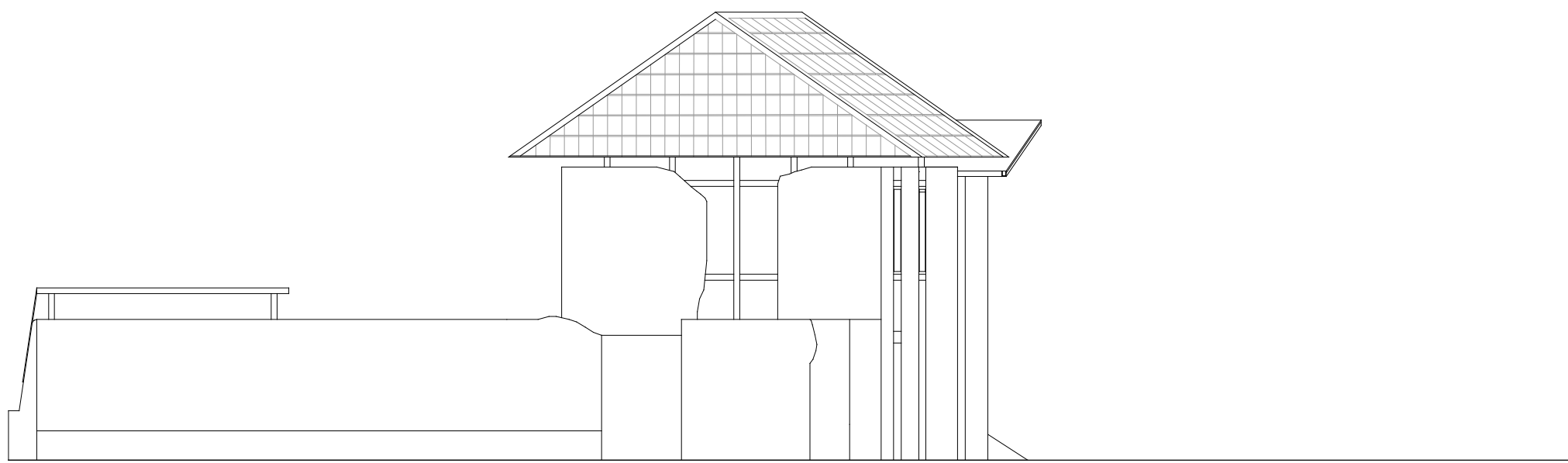
M_EIA

Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura
MINDELO | S. VICENTE | CASO VERDE



DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Colégio das Artes, Largo D. Dinis 3000-143 Coimbra, Portugal
Tel. +351 239 851 350 Fax. +351 239 859 220
secretaria_dam@ucp.pt

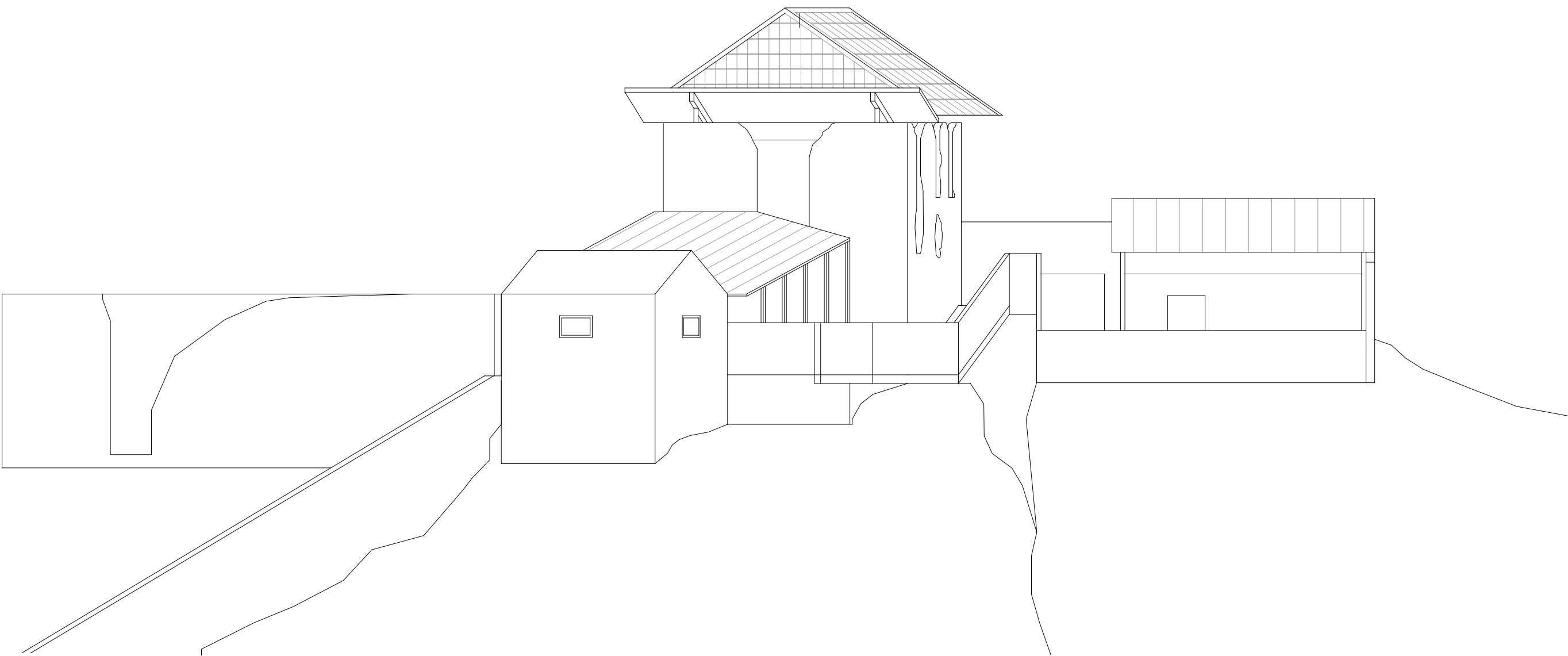




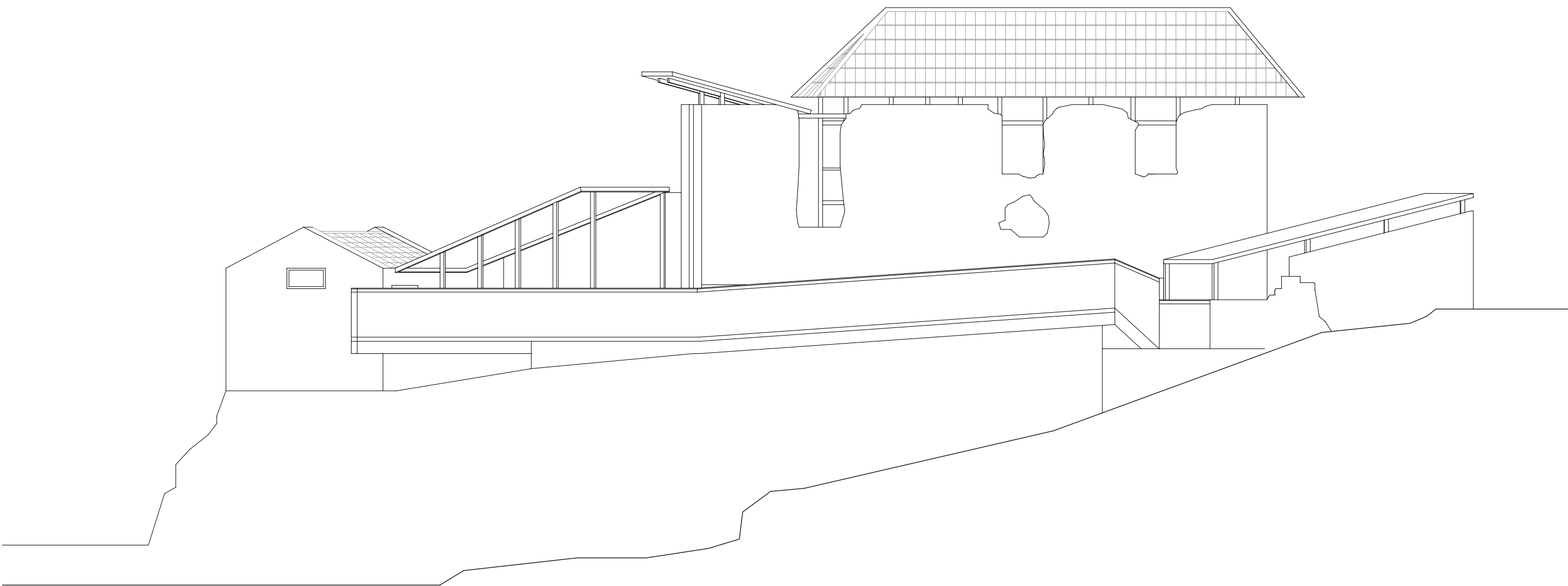
Alçado Noroeste



Alçado Sudoeste



Alçado Sudeste



Alçado Nordeste


Laboratório da Preguiça


PROGRAMA de DESENVOLVIMENTO INTEGRADO e SALVAGUARDA DA VILA


S. NICOLAU | CABO VERDE


PROJETO:	Laboratório da Preguiça: (Re)interpretação da ruína	fase:	Anteprojeto
ESPECIALIDADE:	Arquitetura	escala:	1/100
AUTOR:	Ivan Daniel Gomes de Brito	data:	Maio/2019
TÍTULO:	Alçados		


COORDENAÇÃO: Leão Lopes | Walter Rossa | Adelino Gonçalves | Nuno Lopes


 ateliermar

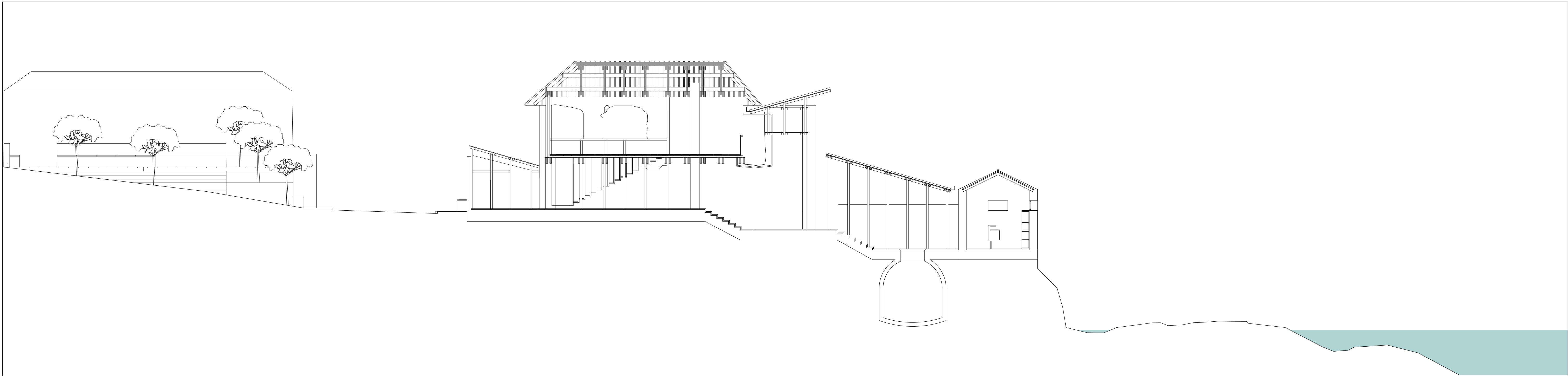
 UNIVERSIDADE DE COIMBRA

 DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA

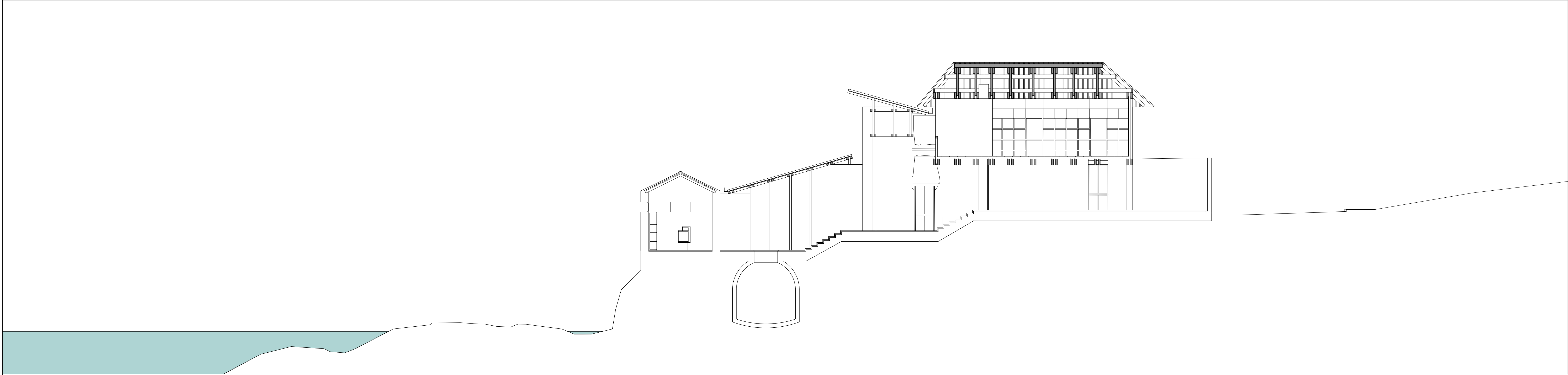
 M_EIA

 Instituto Tecnológico de Arquitetura e Cultura

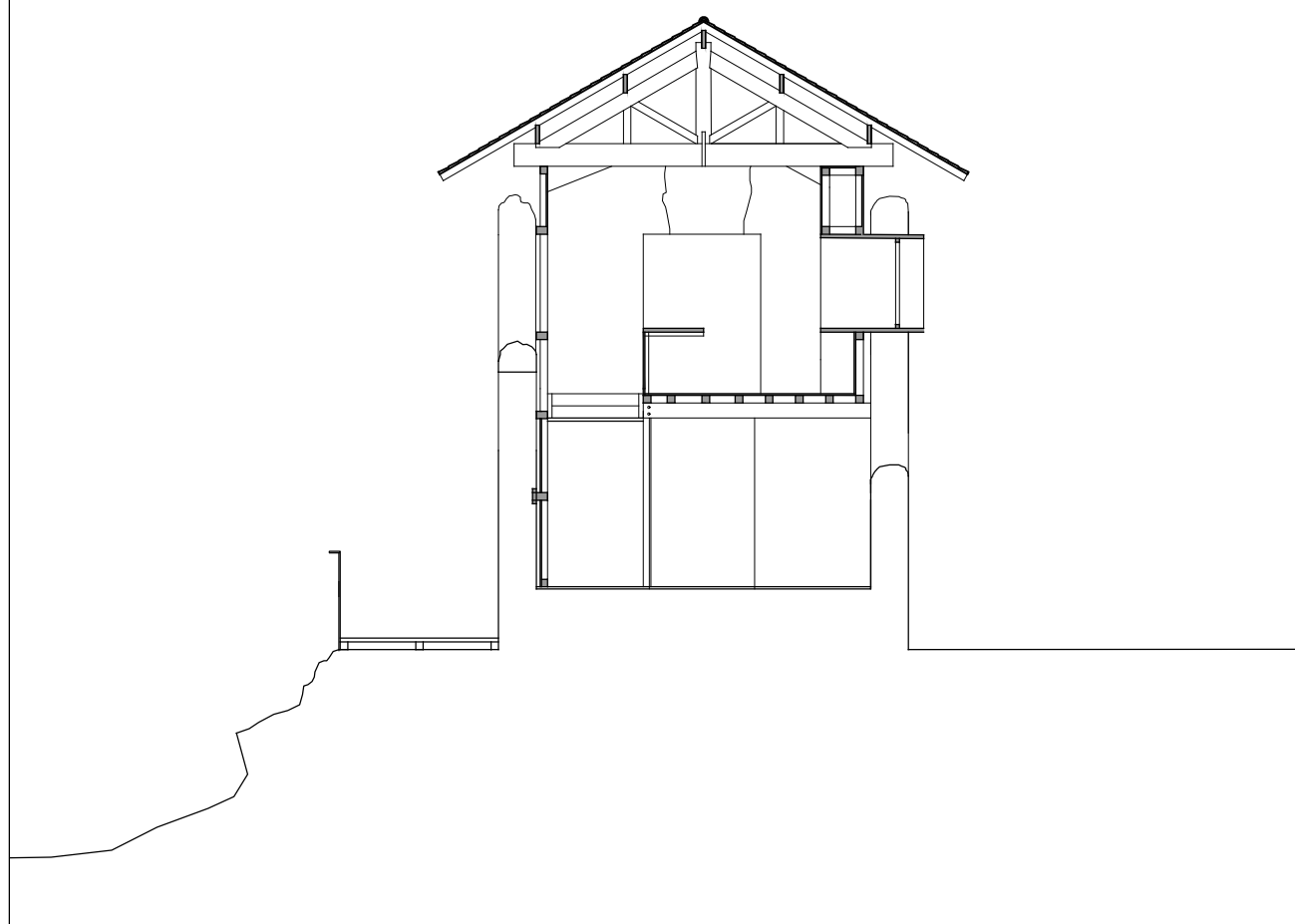
 PIA



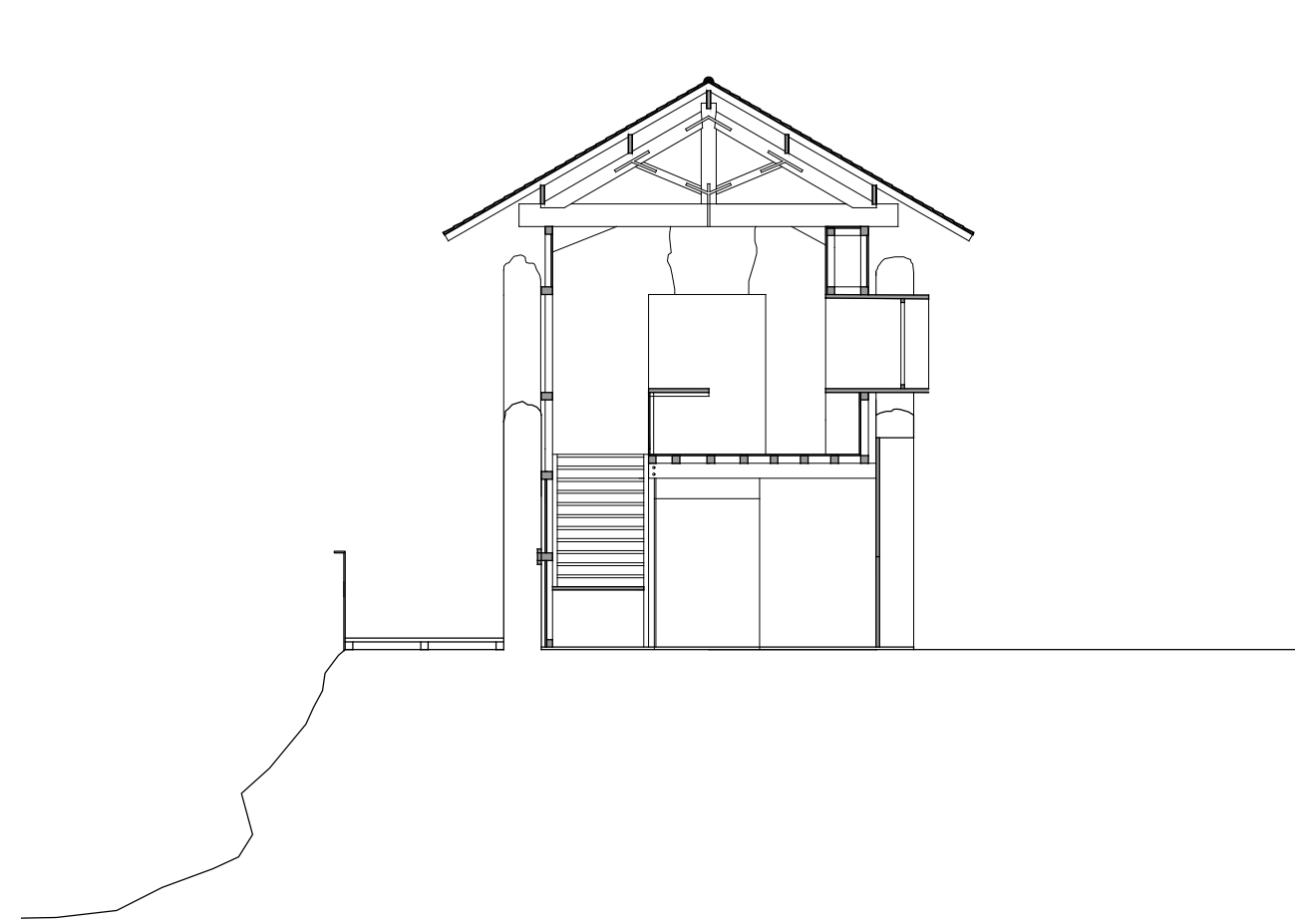
Corte AA'



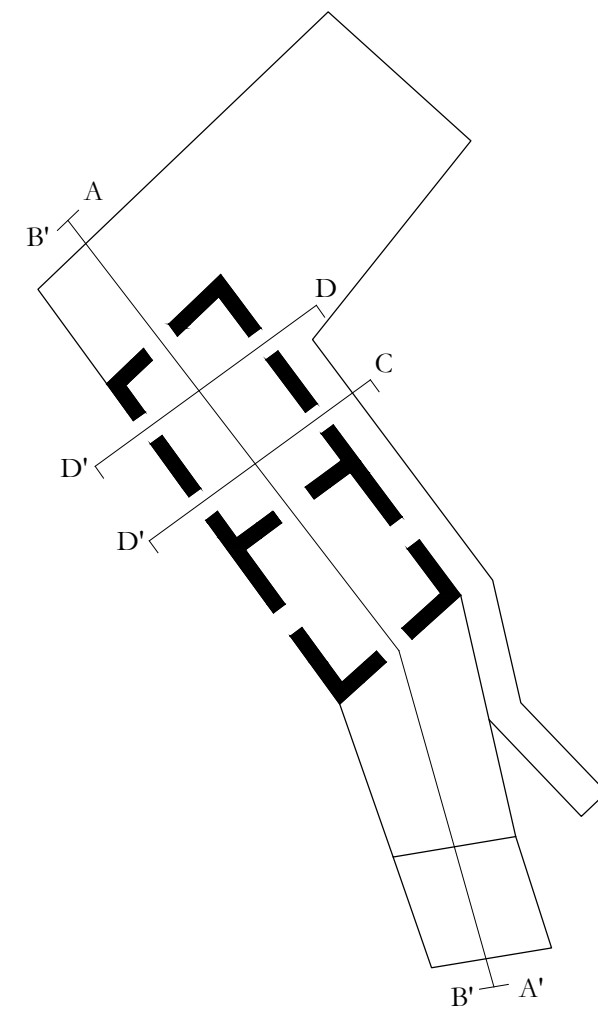
Corte BB'



Corte CC'



Corte BB'



Laboratório da Preguiça

PROGRAMA de DESENVOLVIMENTO INTEGRADO e SALVAGUARDA DA VILA
S. NICOLAU | CABO VERDE

PROJETO: Laboratório da Preguiça: (Re)interpretação da ruína

ESPECIALIDADE: Arquitetura

AUTOR: Ivan Daniel Gomes de Brito

TÍTULO: Cortes

fase: **Anteprojeto**

escala: 1/100

data: Maio/2019

COORDENAÇÃO: Leão Lopes | Walter Rossa | Adelino Gonçalves | Nuno Lopes

ateliemmar

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

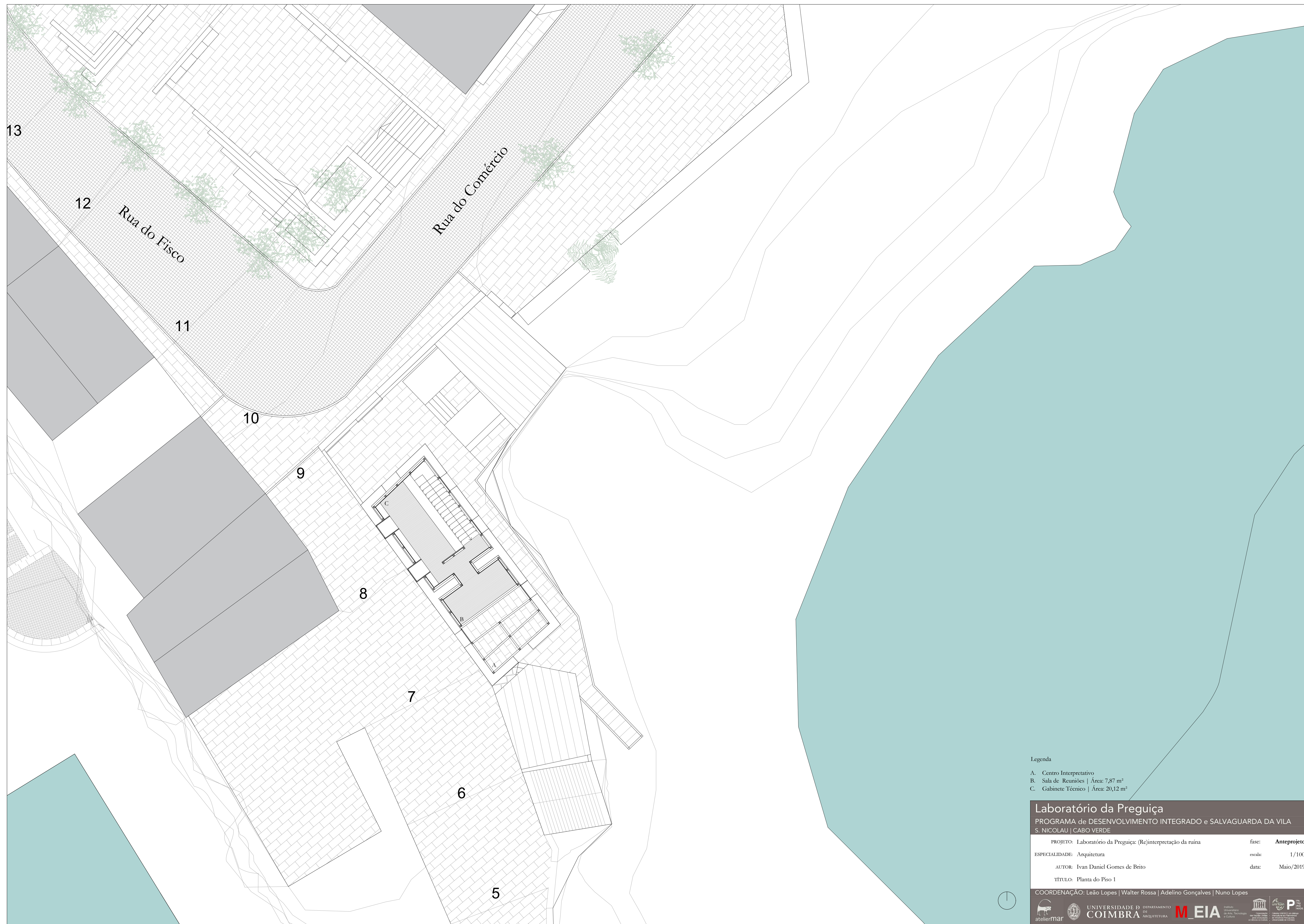
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA

M_EIA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE ARQUITETURA E CULTURA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE ARQUITETURA E CULTURA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE ARQUITETURA E CULTURA






Laboratório da Preguiça

PROGRAMA de DESENVOLVIMENTO INTEGRADO e SALVAGUARDA DA VILA
S. NICOLAU | CABO VERDE




PROJETO:	Laboratório da Preguiça: (Re)interpretação da ruína	fase:	Anteprojeto
ESPECIALIDADE:	Arquitetura	escala:	1/200
AUTOR:	Ivan Daniel Gomes de Brito	data:	Maio/2019
TÍTULO:	Planta de Implantação		

COORDENAÇÃO: Leão Lopes | Walter Rossa | Adelino Gonçalves | Nuno Lopes



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA





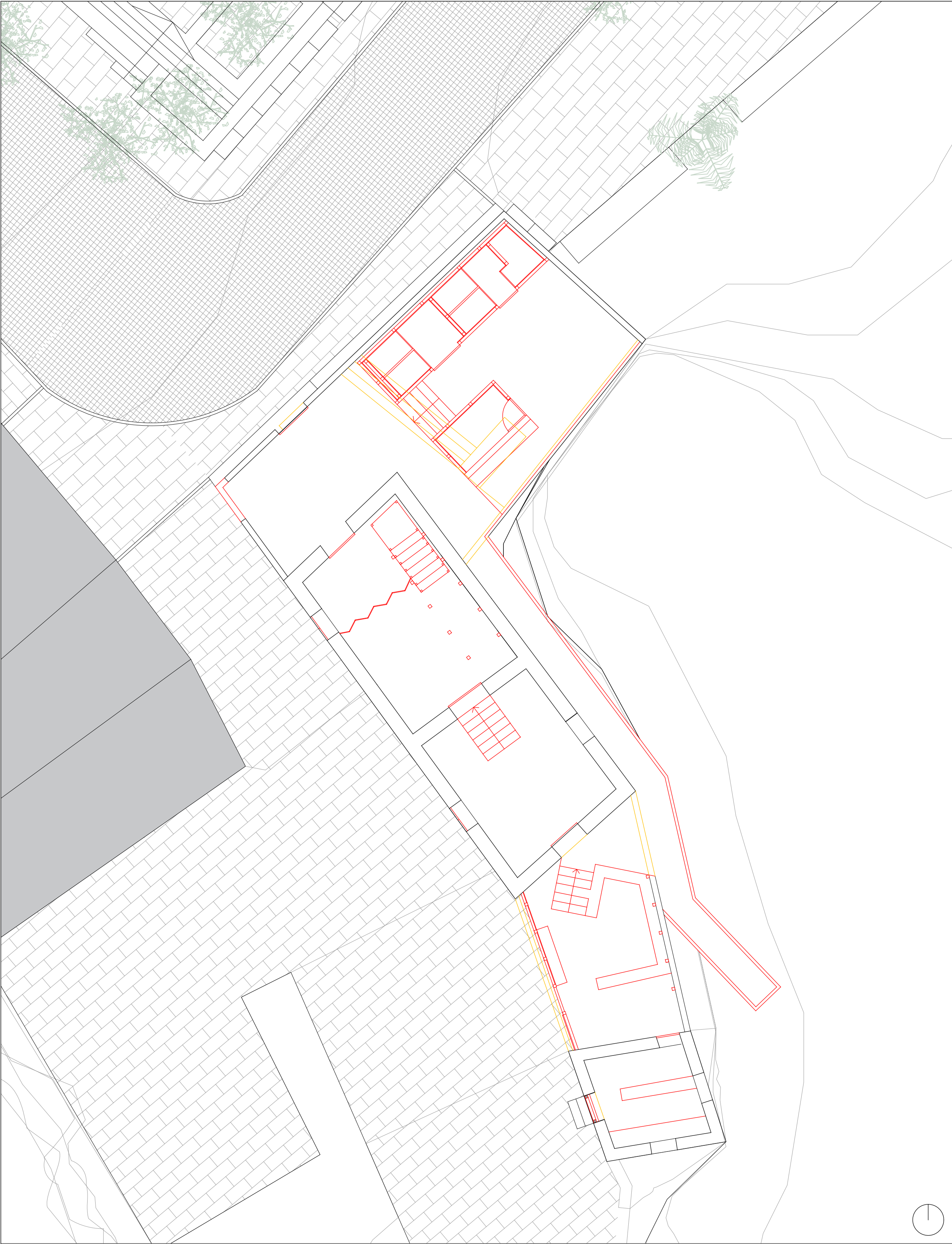
Legenda

- A. Receção | Área: 8,96 m²
- B. Centro Interpretativo | Área: 51,4 m²
- C. Sala de Exposições / Sala de Reuniões | Área: 30,3 m²
- D. Arrumo | Área: 4,32 m²
- E. Espaço de Oficinas | Área: 18,28 m²
- F. Instalações Sanitárias | Área: 11,67 m²

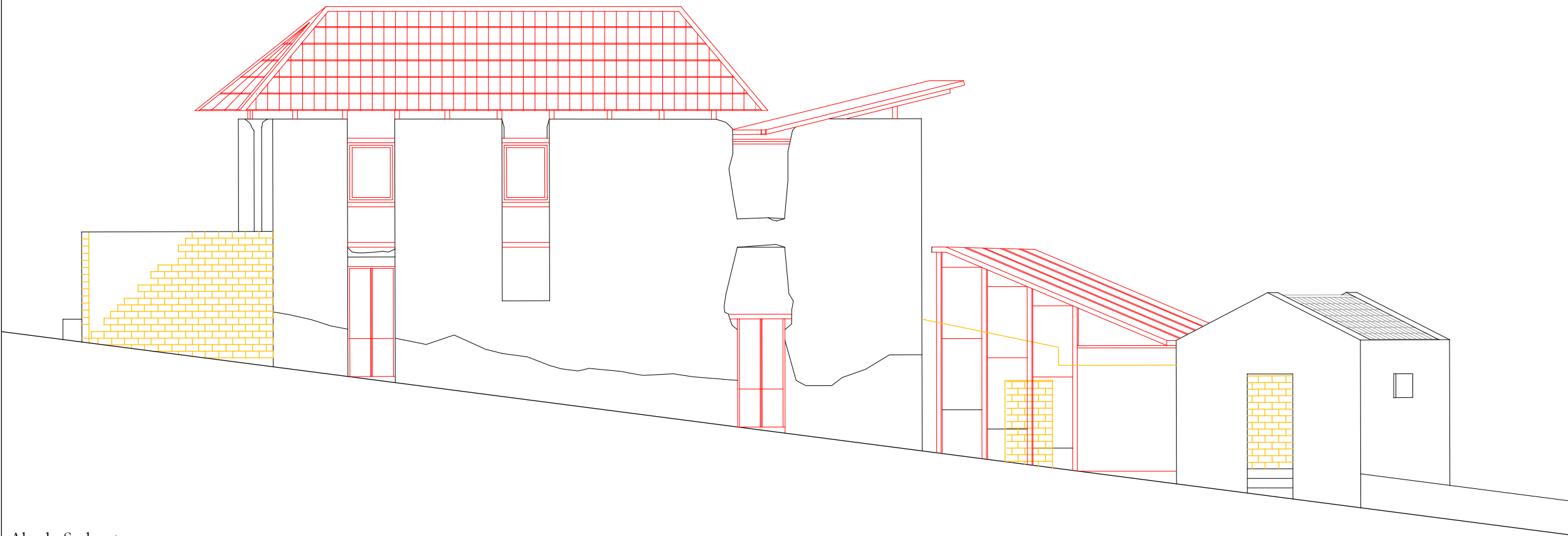
Laboratório da Preguiça
PROGRAMA de DESENVOLVIMENTO INTEGRADO e SALVAGUARDA DA VILA
S. NICOLAU | CABO VERDE

PROJETO:	Laboratório da Preguiça: (Re)interpretação da ruína	fase:	Anteprojecto
ESPECIALIDADE:	Arquitetura	escala:	1/100
AUTOR:	Ivan Daniel Gomes de Brito	data:	Maio/2019
TÍTULO:	Planta do Piso Térreo		

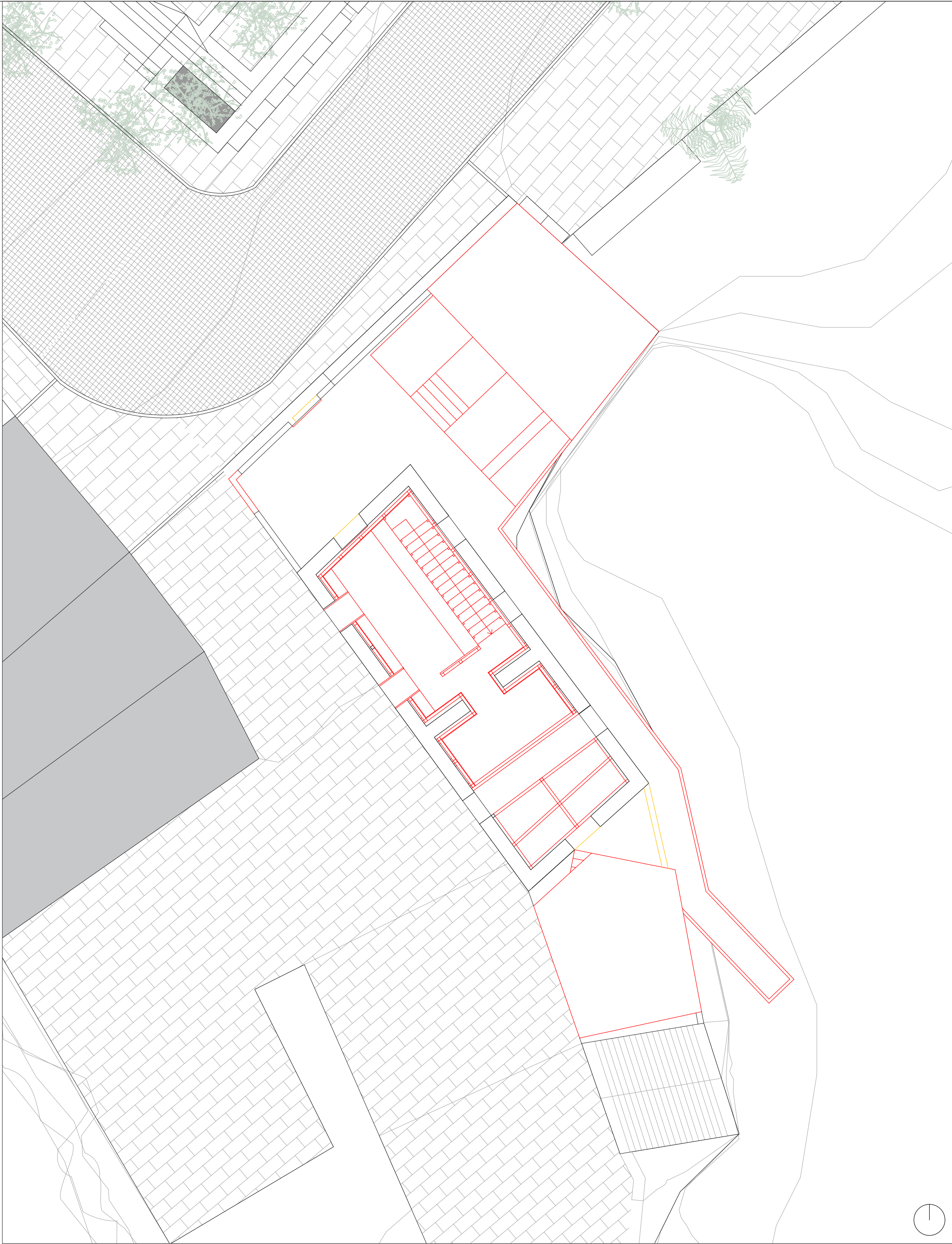
COORDENAÇÃO: Leão Lopes | Walter Rossa | Adelino Gonçalves | Nuno Lopes



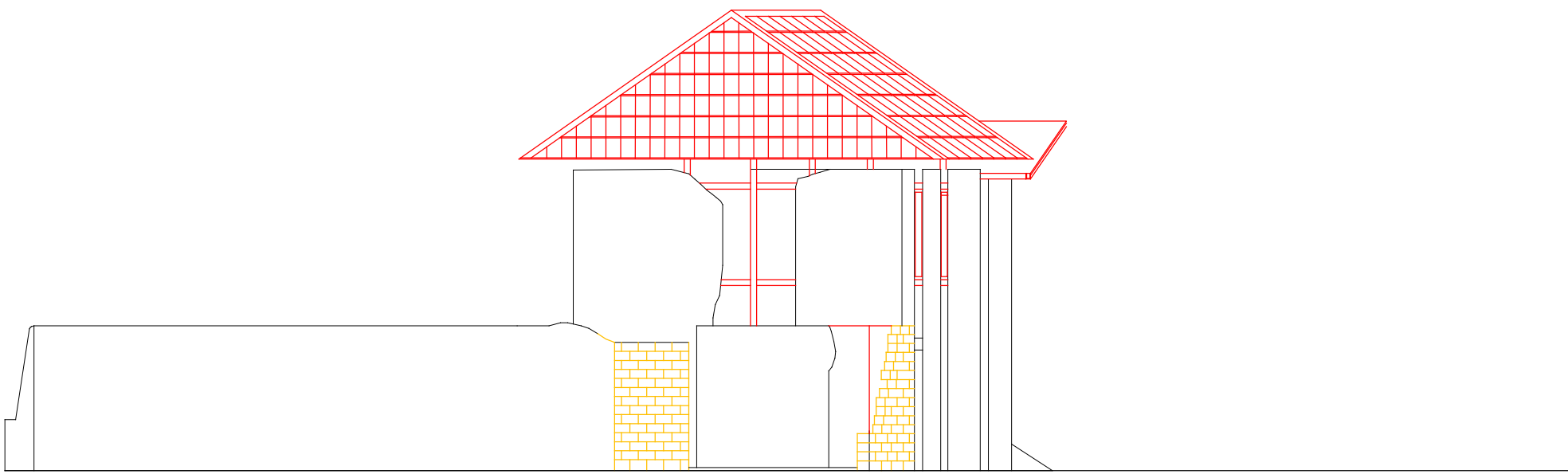
Planta do Piso Térreo



Alçado Sudoeste



Planta do Piso 1



Alçado Noroeste

Laboratório da Preguiça

PROGRAMA de DESENVOLVIMENTO INTEGRADO e SALVAGUARDA DA VILA

S. NICOLAU | CABO VERDE

PROJETO: Laboratório da Preguiça: (Re)interpretação da ruína

ESPECIALIDADE: Arquitetura

AUTOR: Ivan Daniel Gomes de Brito

TÍTULO: Vermelhos e Amarelos

fase: **Anteprojeto**

escala: 1/100

data: Maio/2019

COORDENAÇÃO: Leão Lopes | Walter Rossa | Adelino Gonçalves | Nuno Lopes

ateliernar

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE ARQUITETURA E CULTURA

M_EIA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE ARQUITETURA E CULTURA

PAISAGISMO

PAISAGISMO

PAISAGISMO



